

2024

PRÊMIO
**DIÁRIO
 CONTEMPORÂNEO
 DE FOTOGRAFIA**

13ª EDIÇÃO



**TODO CORPO
EM DESLOCAMENTO
TEM TRAJETÓRIA**

PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

13ª EDIÇÃO

20 DE ABRIL A 23 DE JUNHO 2024 – BELÉM, PA, BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Fundação Cultral do Estado do Pará (FCP), Belém, PA, Brasil

P925

Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia: Todo corpo em deslocamento tem trajetória. / Organização Mariano Klautau Filho [textos de Mariano Klautau Filho, Lívia Aquino, Nelson Sanjad]. – 13. ed. – Belém (PA): Céu Caótico, 2024.

200p. : il. 180x245mm

ISBN: 978-65-01-24171-5

1. Fotografia-Brasil. 2. Fotografia. I. Klautau Filho, Mariano. 3. Aquino, Lívia. 4. Sanjad, Nelson.

CDD _ 770.981

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário André G. Notargiacomo Júnior. CRB-2 PA-1773/O

ORG. MARIANO KLAUTAU FILHO

TEXTOS DE LIVIA AQUINO, MARIANO KLAUTAU FILHO E NELSON SANJAD



★ VOLTE LOGO,
MEU AMOR...
(EU VOLTAREI) ★



O Diário Contemporâneo de Fotografia, em sua 13ª edição, consolida atividades compartilhadas, em especial as experiências curatoriais, e o seu programa de formação construído por oficinas, palestras, conferências, conversas com artistas e encontros com pesquisadores em arte e fotografia. Os prêmios desta edição são concedidos sob a forma de Prêmio Aquisição, com o intuito de fomentar e ampliar a Coleção Diário Contemporâneo, instituída em 2016, contribuindo com a prática de renovação dos acervos de arte contemporânea de nossos museus parceiros.

Em 2024, temos Livia Aquino como curadora convidada. Artista, pesquisadora e profissional atuante em projetos de arte contemporânea no país, Livia é uma importante colaboradora do projeto desde 2016, tendo trabalhado, em especial, no acompanhamento dos artistas residentes nas últimas edições do projeto.

Com o tema TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA, a proposição de Livia Aquino se dirige ao corpo como território que envolve tanto a vivência única, quanto à experiência social. Partindo do texto "Trabalho de Vida", da artista e estudante carioca Matheusa Passareli, pessoa negra e não binária, a curadora extraiu a frase que define a temática desta edição. No relato íntimo de Matheusa, o corpo é olhado a partir das suas possibilidades, distâncias, atravessamentos e relações. Por meio de edital, a comissão de seleção formada por Aquino, Vi Grunvald e Camila Fialho escolheu 15 artistas que somando-se ao grupo inicial de 26 artistas, convidado pela curadoria, norteou o mote da edição. Partiu do texto "Trabalho de Vida", da artista e estudante carioca Matheusa Passareli, pessoa negra e não binária. Aquino pinçou a frase que define a temática desta edição. No relato íntimo de Matheusa, o corpo é olhado a partir das suas possibilidades, distâncias, atravessamentos e relações.

Nosso trabalho curatorial se faz a partir da dinâmica entre seleção e convite e nos permite uma abrangência maior de artistas e uma integração mais significativa de obras e gerações distintas, ampliando e amadurecendo uma política de diversidade desejada pelo projeto desde sua origem.

Esta edição ainda conta com as exposições À ESCUTA, resultado da Residência Artística Farol, realizada em 2021 sob tutoria de Livia Aquino, e IN NATURA / IN VITRO, com curadoria assinada por mim e em parceria com Nelson Sanjad.

À ESCUTA levou ao espaço da Associação Fotoativa os trabalhos de Gabriela Sá e Ícaro Moreno Ramos (MG), Giovanna Consentini (PA), Janaína Miranda (DF), Jessica Lemos (BA) e Marcílio Costa (PA). Já o Museu da UFPA acolheu IN NATURA / IN VITRO, mostra especial que discutiu as relações entre corpo, natureza, arte e ciência. A mostra colocou em diálogo as fotografias do botânico suíço Jacques Huber – atuante no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, de 1895 até o final de sua vida - e obras contemporâneas de artistas como Felipe Russo (SP), Luciana Magno (PA), Péricles Mendes (BA), Ana Paula Albé (RI), Renata Aguiar (AM), Janduari Simões (PA), Janaina Miranda (DF) e Marina Feldhues (PE).

O DCF acolhe artistas atuantes em todo o território brasileiro com propostas em fotografia, vídeo, instalações, projeções, intervenções em trabalhos que misturam suportes e linguagens diversas. Seguimos com o projeto acreditando na força da produção artística como experiência de conhecimento e educação, estimulando o debate sobre arte e fotografia na cidade de Belém, e em especial neste contexto de retomada da democracia no país.

MARIANO KLAUTAU FILHO

CURADORIA GERAL

PRÊMIO DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

Laura Andreato 12-13 Marina Feldhues 14-17 Marise Maués 18-21 Simone Barreto 22-25 May Agontime 26-27 Coletivo Noitesuja 28-31 Massina & Gal 32-35 Aline Mota 36-39 Carolina Krieger 40-41 Manoela César 42-43 Fabiana Faleiros 44-45 Gê Viana 46-47 Matheusa e Sabine Passareli 48-51 Tadáskia 52-53 Val Souza 54-57 Keila Sankofa 58-61 Walda Marques 62-65 Gê Viana 66-67 Allyster Fagundes 68-71 Ian Nogueira 72-73 Cyro Almeida & Mestre Julio 74-75 Francisco de Souza 76-77 Brenno de Sant_ana 78-79 Fabiana Faleiros 80-81 Coletivo Coletores 82-83 Marise Maués 84-85 Gabz404 86-87 Raquel Stolf 88-89 Regina José Galindo 90-91 Mari Queiroz 92-95 Paloma Durante 96-97 Nazas 98-99 Mônica Ventura 100-101 Regina José Galindo 102-103 Maurício Pokémon 104-105 Alex Oliveira 106-107 Alexandre Sequeira 108-109 Rogério Vieira 110-111 Antonia Nayane 112-113 Snow 114-115 Sumé Yne 116-117 Maré de Matos 118-119

TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA

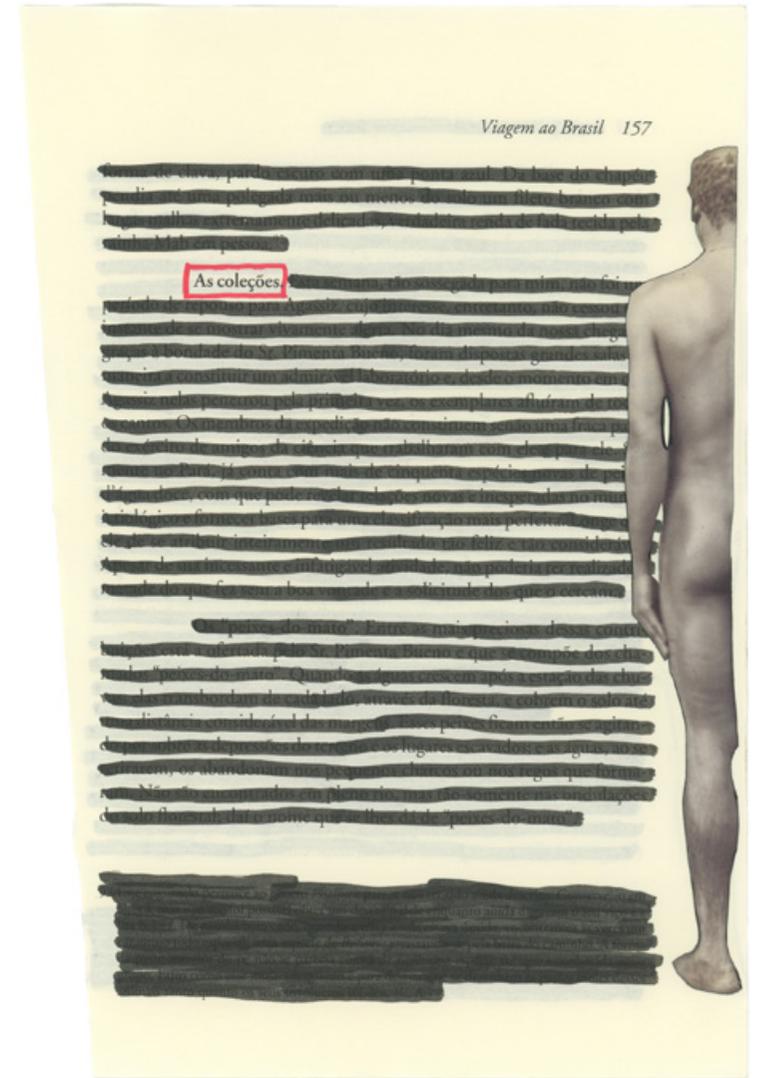
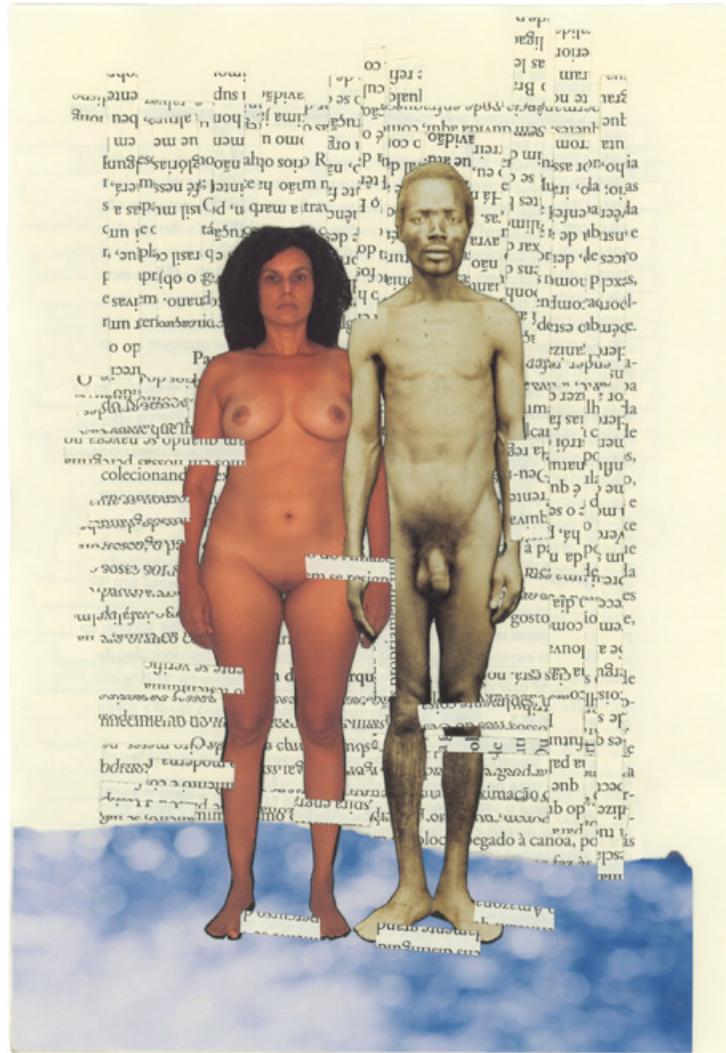
CURADORIA: LÍVIA AQUINO

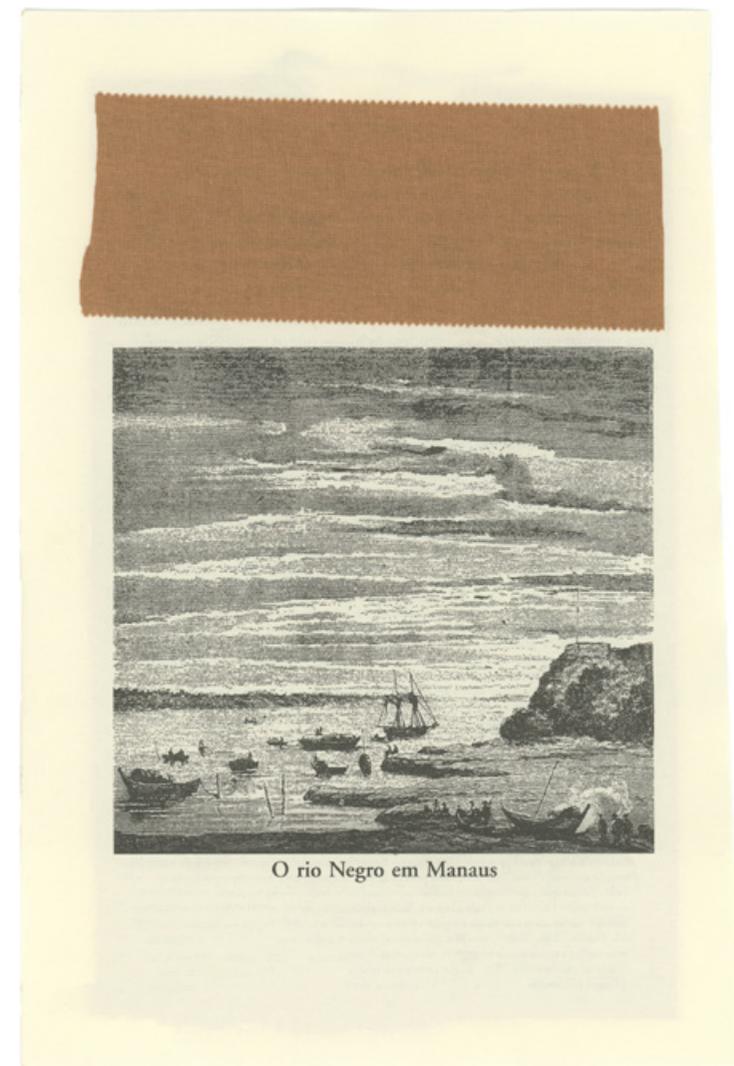
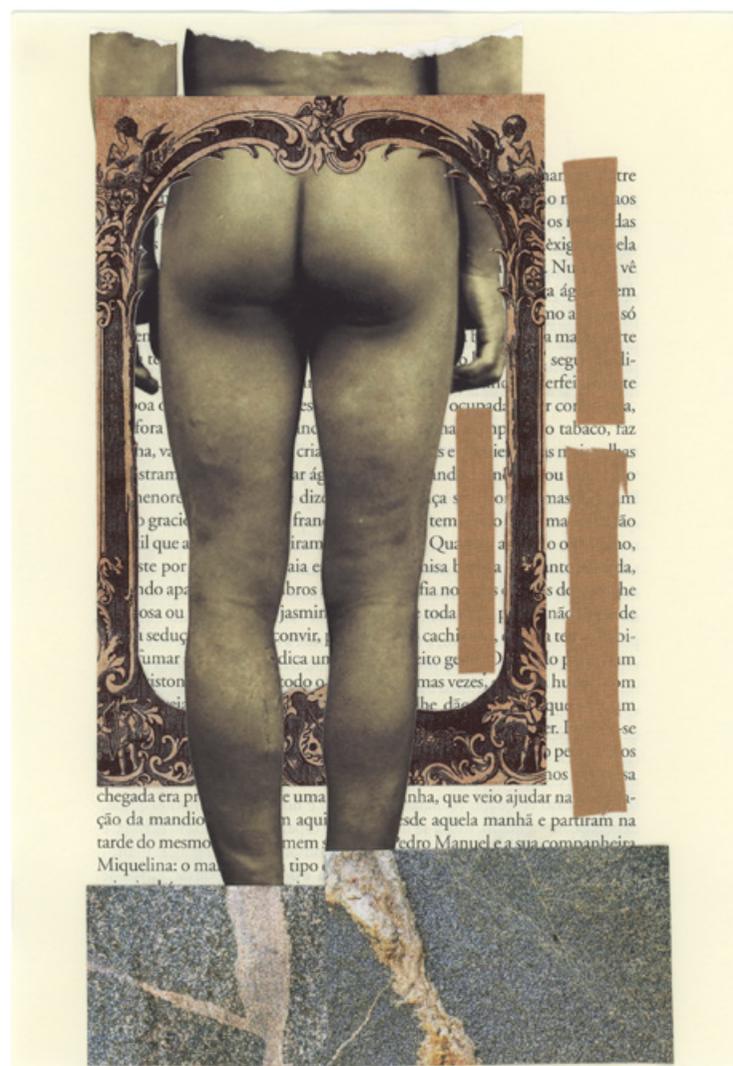
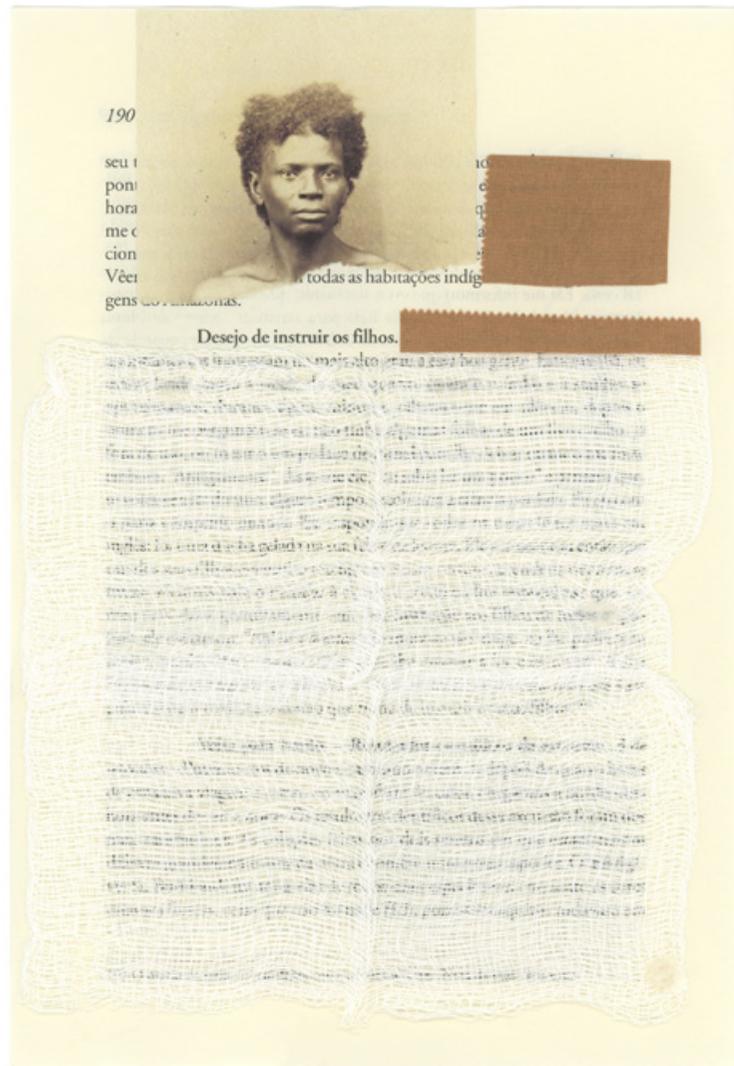
CASA DAS ONZE JANELAS E GALERIA FIDANZA – SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS/SIM - BELÉM, PA, BRASIL

DE 26 DE ABRIL A 23 DE JUNHO DE 2024

+ODO
 CORPO EM
 DESSE
 O C A M ENZO
 TEM
 TRAJE SÓ
 rix

Fonte tipográfica criada
 em colaboração com
 passageiros do ônibus 6414-
 20. (Socorro) que partiu do
 Terminal da Bandeira às
 13h30 do dia 7 de agosto
 de 2017, em São Paulo.
 Sua utilização é livre
 para qualquer propósito,
 incluindo redistribuição sem
 restrições, uso comercial
 e modificações. Uso
 recomendável em situações
 de perigo.s

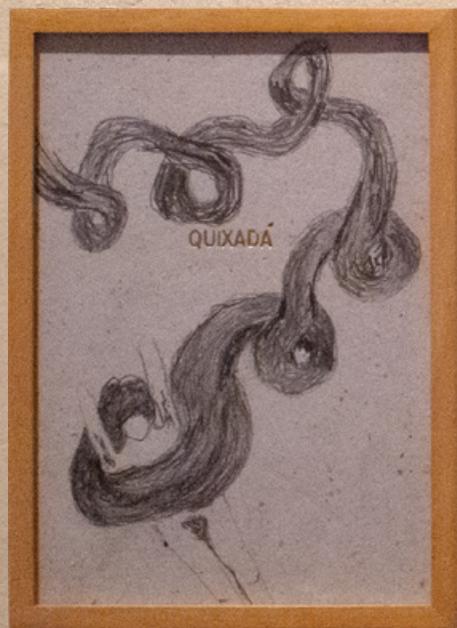
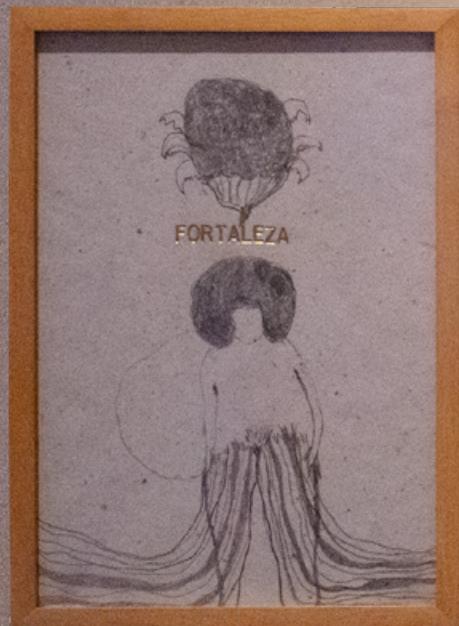


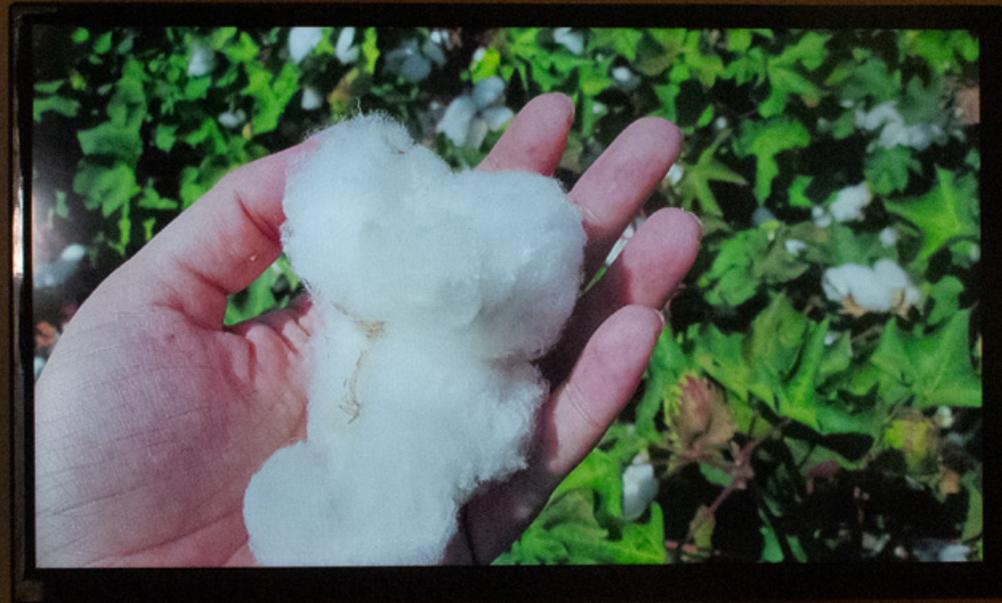






DIBUBUISMO, 2020. VÍDEO PERFORMANCE (31'29").



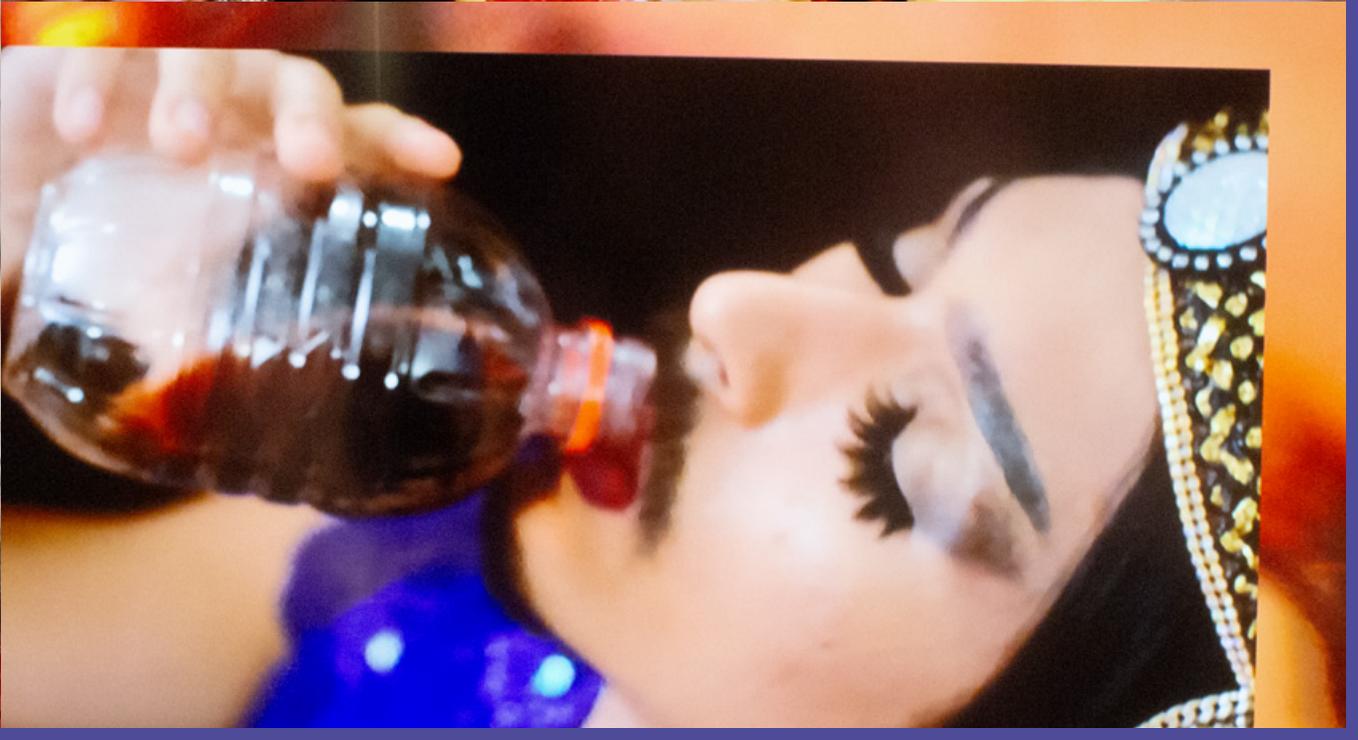
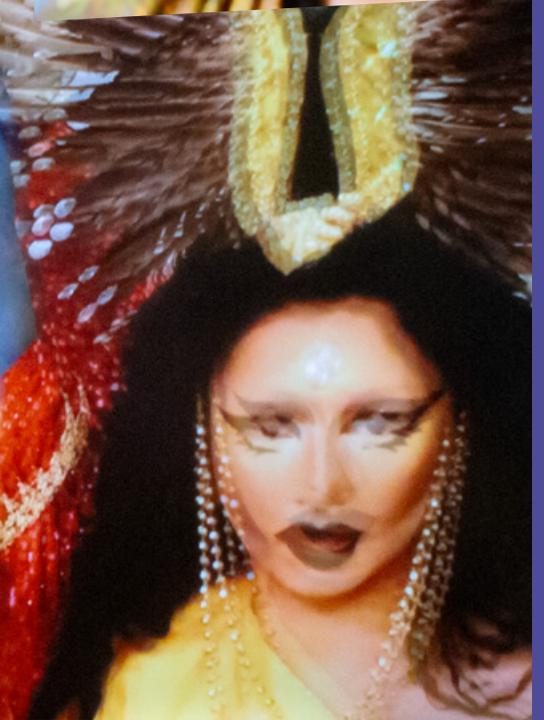
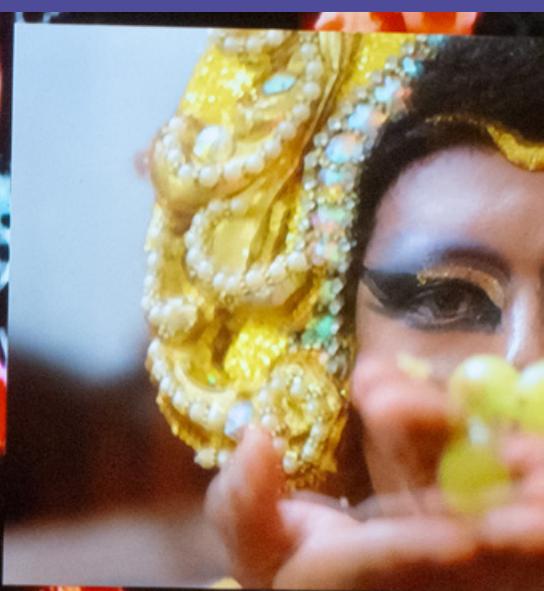
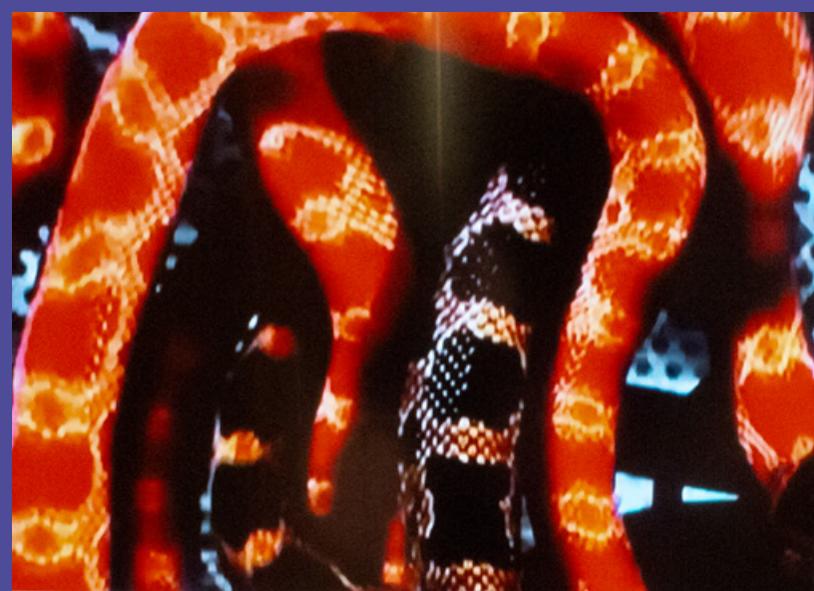


A ESTRADA DO ALGODÃO É ESCURA E ARRISCADA, 2017. DESENHO EM GRAFITE E NANQUIM E TIPOGRAFIA DOURADA.

O QUE A VIDA PEDE DA GENTE, 2017. VÍDEO (9 MIN.).









Juriti, apito 700 Hz



Nina, 27 anos, São Paulo

“A minha voz não é tão grave (um homem já me falou que eu tenho um tom de tenor). Sempre foi um pouco mais fina, mas acho que identificada numa chave de “voz de bixa” durante a minha adolescência e infância.

Nunca modulei para um tom mais baixo, nunca foi uma questão para mim durante minha vida pré-transição. (...) Agora, depois da transição, já tentei brevemente modular ela mais fina, e ainda tento a maior parte do tempo, para ser bem sincera.

Vi os tutoriais básicos de treino vocal, que tentam ensinar como você pode controlar o grave e o tom da voz, e com isso, sempre tento tirar o grave, e deixar ela mais aguda; mas isso quando minha garganta está boa/não fumo muito.

Me sinto constantemente constrangida em relação a minha voz, para ser sincera. Ela é um dos poucos marcadores que fazem alguém me tratar no masculino logo de cara, e eu nunca gostei muito dela. Não tenho situações específicas, mas percebo uma mudança de tratamento em algumas pessoas quando a minha voz é escutada pela primeira vez.

Parei de ser uma pessoa muito receptiva e comunicativa no meu primeiro contato com desconhecidos. Eu morro de medo de conhecer os amigos cis do meu ficante sério por causa da minha voz também, de como as pessoas vão reagir a ela, reagir a mim — sinto que a minha voz demarca minha identidade travesti de uma forma que não me deixa confortável. Não tenho problema em ser uma travesti, mas existe um desconforto quando isso abre margem a ter a minha identidade de gênero e pronomes desrespeitados, ser tratada como um homem, e todas essas questões.

Isso se deu nesses últimos 3 anos de transição, mas até que tenho melhorado um pouco (antes eu ficava mais em silêncio em situações sociais, falava baixo, tudo para a minha voz não ser notada).”

Tucano, apito 700 - 1.000 Hz

Gabrielle, 32 anos, Rio Grande do Sul

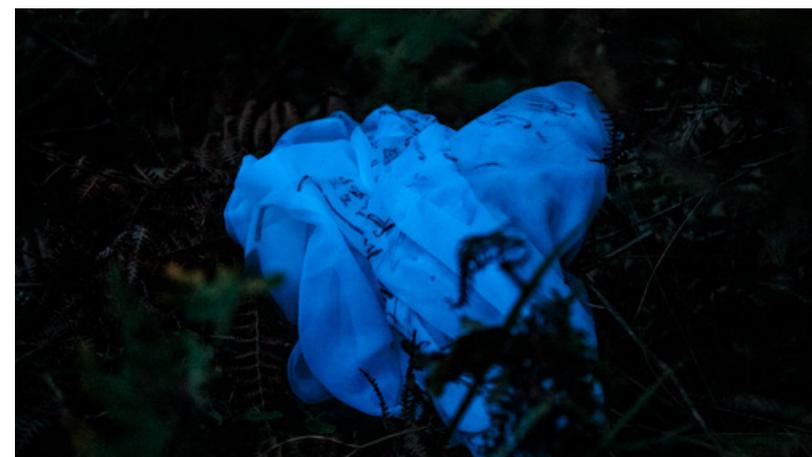
“Acho que a minha voz é grave hoje em dia. A Nicole, minha companheira, diz que é aveludada. Acho que minha voz muda bastante, na verdade. Em casa, confortável, com pessoas que amo, ela costuma ser um pouco mais aguda, pra mim essa é a minha voz “relaxada”. Teve essa época, antes de começar as injeções de testosterona, que eu odiava minha voz, achava ela aguda demais, até meio anasalada. Daí comecei a forçar uma voz mais grave.

Eu fazia exercícios pra baixar o tom da voz. Era uma época que eu não pretendia usar testosterona, mas não sabia o que fazer com a minha voz. Geralmente, antes de abrir a boca, as pessoas me tratavam no masculino, mas era só eu falar algo que elas mudavam meus pronomes pro feminino, e isso era uma coisa que me incomodava muito, me deixava muito mal. Até porque muitas vezes me colocava em situações de perigo e violência, né.

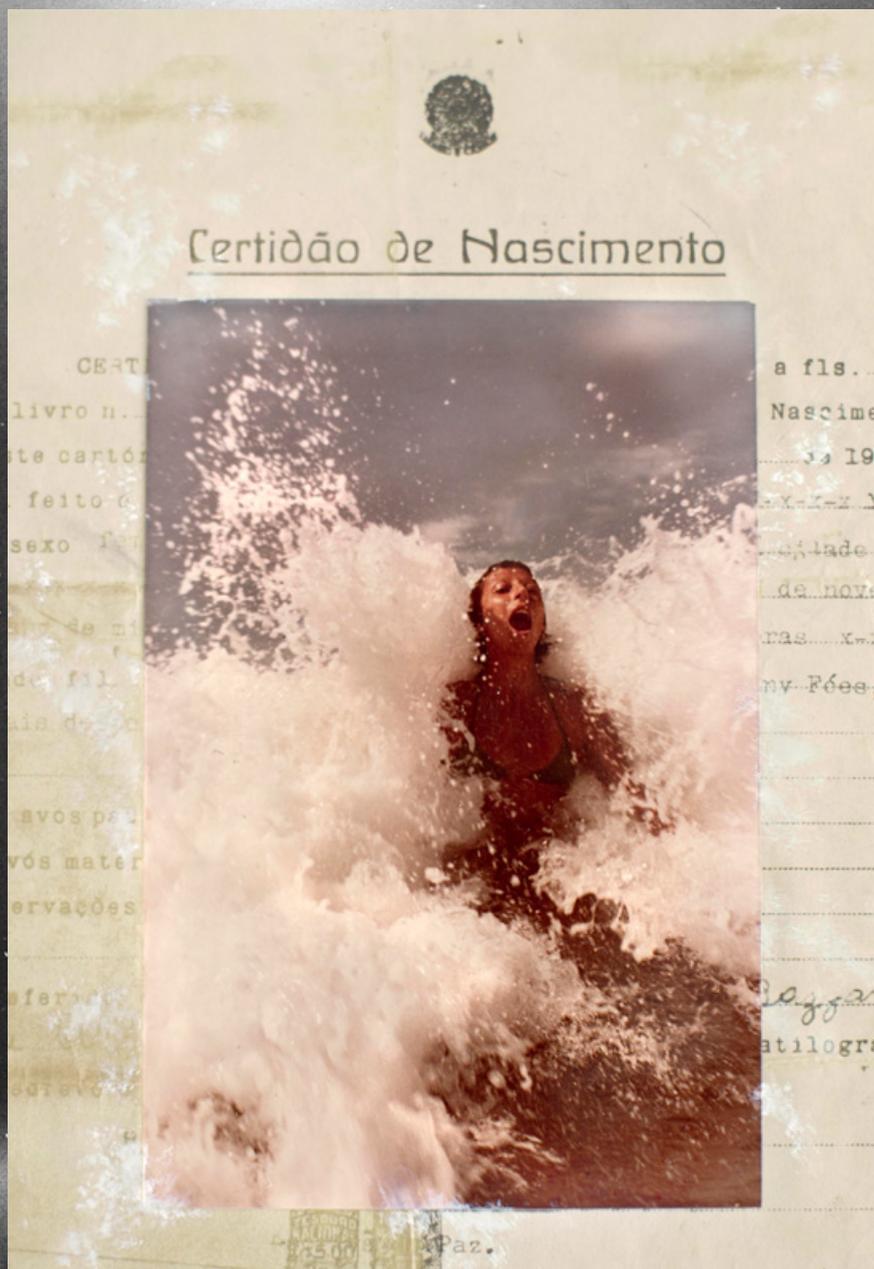
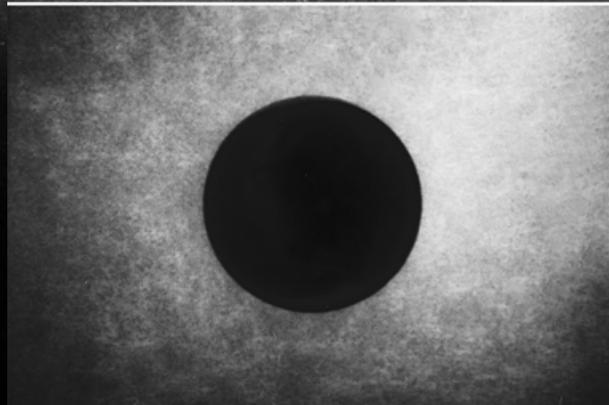
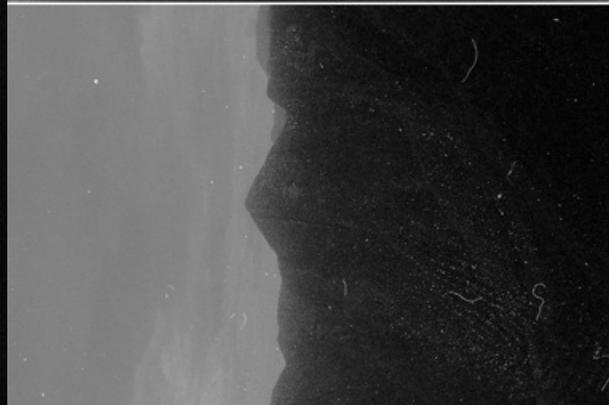
Então comecei esses exercícios que achei no youtube, especificamente pra boycetas “pré-t”, que é como se chama pessoas transmasculinas que não iniciaram uma terapia hormonal “ainda” - eu não gosto muito desse “pré-t” porque parte do princípio que a pessoa precisa necessariamente se harmonizar em algum momento, mas enfim. Por conta desse tratamento que recebia, comecei a conscientemente fazer uma voz mais grave, que acho que se tornou algo inconsciente com o tempo. Tipo, depois da primeira injeção de testosterona eu já percebia a minha voz mudando. Usava um aplicativo que media os Hz da voz e via cada vez mais ela mudando. Apesar da dor de garganta, era uma sensação tão gostosa, me ver numa segunda puberdade. Quanto mais minha voz engrossava mais confortável eu ficava com ela.”







PONTES SOBRE ABISMOS, 2017. IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA.



AINDA SEM NOTÍCIAS SUAS...; 2019-2022. INSTALAÇÃO COM PAINEL DE MADEIRA, IMPRESSÃO EM PAPEL JORNAL, PNEU, PARABRISA DE CARRO, PAR DE LENTES, PAR DE RETROVISORES, PAR DE LENTE DE LANTERNA FOGUINHO, FOLHA DE JANELA BASCULANTE, LÂMPADA DE LED, FELTRO, CAMISETA, MESA DE LÚZ, GELATINA DE EFEITO, PLÁSTICO COLORIDO.



TRIOLOGIA LADY INCENTIVO, 2014. VÍDEO INSTALAÇÃO COM OS VÍDEOCLIPS MASTURBAR (1'17" NO GOOD, 4'41"") E TIGRESA (NA SECA, 3'00"").





SAPATONAS NO CARRO



SAPATONAS NUM BAR



FELIZ DIA DAS NAMORADAS



LÉSBICAS VENDO O MAR



Link para audio com leitura de livro.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Artes

Artes Visuais

Matheus Passareli

Trabalho de Vida

Professora: Sheila Cabo
Disciplina: História da Arte do Brasil II

Rio de Janeiro
2018

Pensar os objetos e incluir neles o nosso corpo, é perceber que todos os corpos constituem nossa territorialidade. Todos se localizam na Terra e por isso são atravessados por memórias. **Todo corpo em deslocamento tem trajetória.** Número de lote, série, cicatrizes, cores, texturas, formas, da classificação à sujeição. Todos nomeados ou localizados, constitui a consciência de quem institui. Sujeita. Todo objeto é referente. Todo corpo é referência.

A casa, quando existe, é constituída pela união de diversas materialidades, dela, a mais importante, seu contexto. CEP, número ou complemento, referências de vidas, que pela locomoção do cotidiano é deslocada para o esquecimento.

Enquanto ser, o território é referência. Distantes ou aproximados da linha do horizonte, o nosso corpo a percebe não mais através dos prédios e sim através de seus quadros. De onde você veio? Está ligada a sua recente trajetória até aqui ou à todo o repertório histórico que constitui a sua existência? De um mesmo horizonte viemos e deles somente alguns podem se distanciar. Olhar a Terra de cima. Perceber o céu se transformando ao mesmo tempo em aproximação e por isso um constante distanciamento. Distanciamento capaz de elucidar a circularidade de um plano. Antes só era possível pensar em diâmetro pela capacidade de percepção e rotação do corpo livre de bases, corpo fluido em Terra plana, corpo que gira a cada micromovimentação circular do planeta. Estamos girando o tempo todo e até mesmo disso nos esquecemos. Essa talvez seja a resposta de porque vivemos tontas. Deslocadas de nossas ancestralidades, desconectadas de nossa consciência maior - a relação mãe terra.

Terra não matéria por sua aproximação com nossos pés. Desvalorizamos o que está aos nossos pés e colocamos junto a eles o que desprezamos. Hierarquias de corpos objetos. A desvalorização da pausa e manutenção do deslocamento involuntário advindo de um trabalho que se mantém explorado por décadas. Trabalho é movimento, mas as plantas só se movimentam após longo tempo de trabalho, crescimento vegetativo, suas folhas crescentes durante toda a sua trajetória de vida em ponto fixo, raiz, possibilitam fluxos contínuos e trocas energéticas de dimensões inimagináveis, a valorização de uma raiz enquanto principal fonte nutricional de um corpo, do corpo. Não percebemos também o ar, por sua translucidez, talvez estejamos cansadas de viver com ele, mas sem ele ninguém fica, respira. Respira e olha pra lua, nossa maior pira. Em relação cúbica, nosso corpo e ela entram em contato com o sol e mais um vez respira. A luz, nossa maior refletora. Reflete a nutrição do nosso corpo ao sol. E de olhos abertos ou fechados, olhamos. Olhar é cuidar, precisamos olhar para a forma que nos tornamos videntes. Olhando para tudo menos o círculo preto, pupila. O círculo foi perdido desde o distanciamento? O corpo raio onda vai além da estratosfera. Camada por camada, acesso.

A família, mediadora do território/casa nos nutre do que lhes é tradicional, de região por região constituímos diferenças.



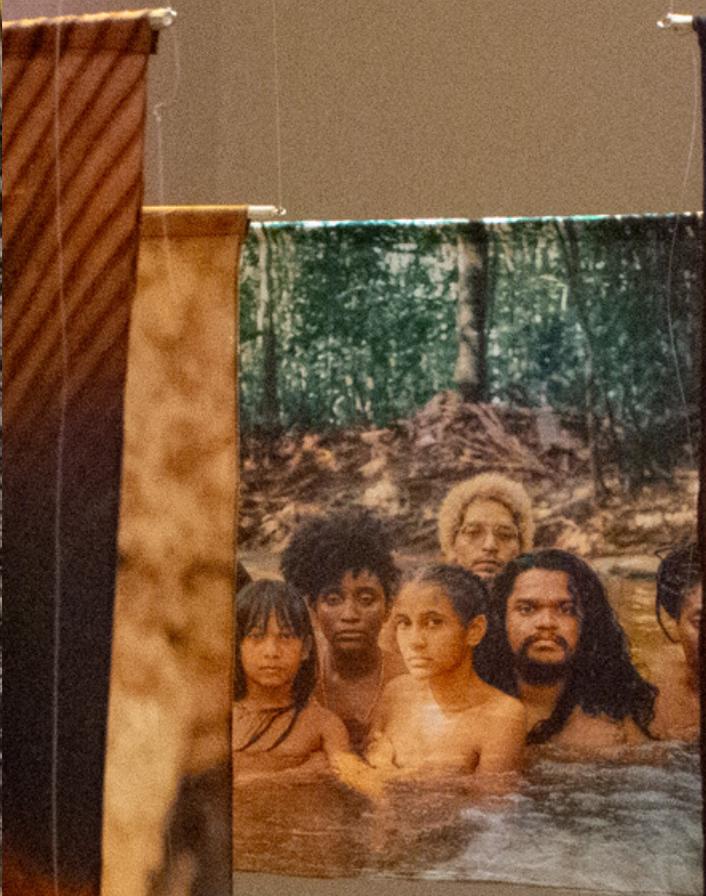
Matheusa e Sabine Passareli



CORDA DOURADA COM MINHA MÃE ELENICE GUARANI, MINHA TIA MARILUCIA MORAES, MINHA VÓ MARIA DA GRAÇA E MINHA TIA GRACILENE, 2020. IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA.













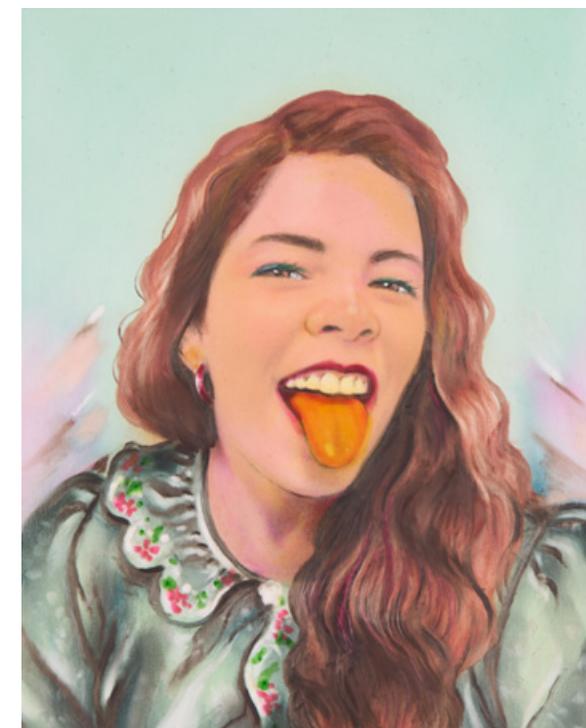
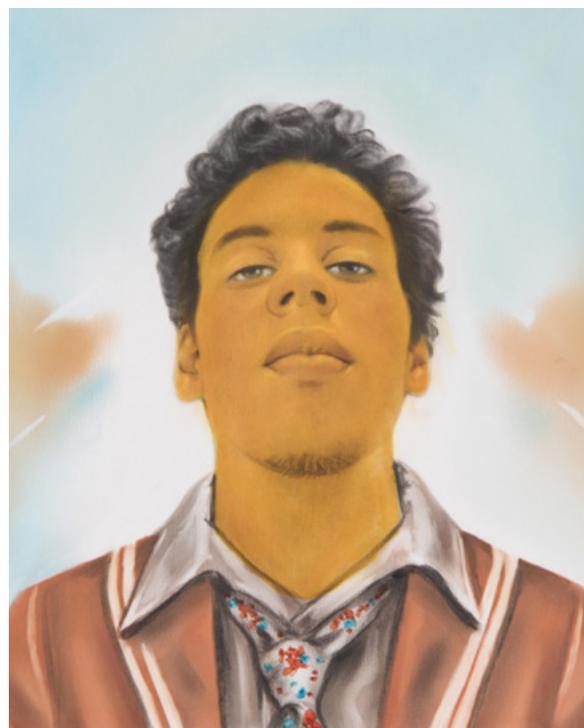
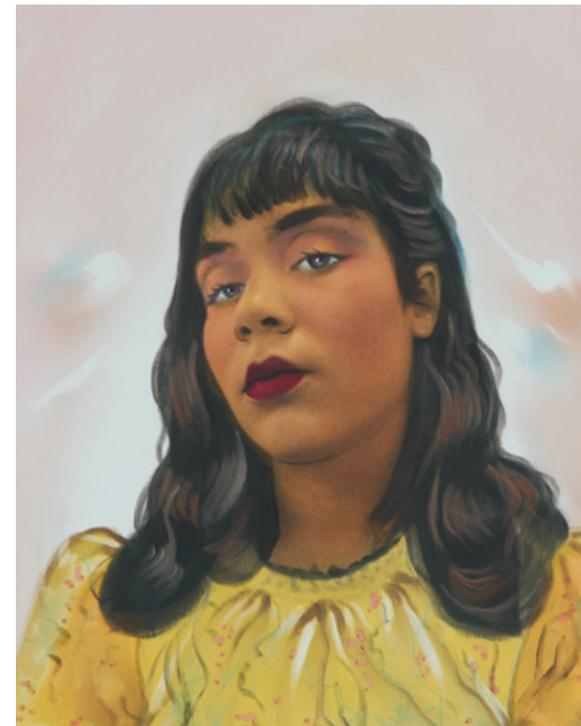
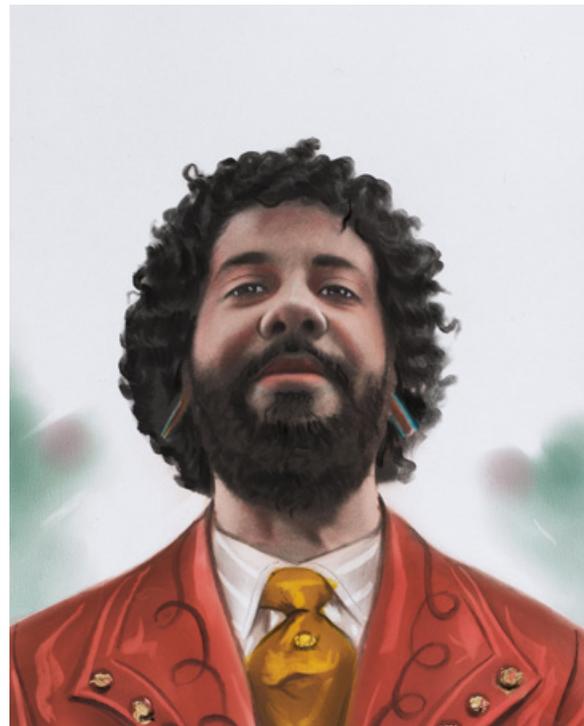


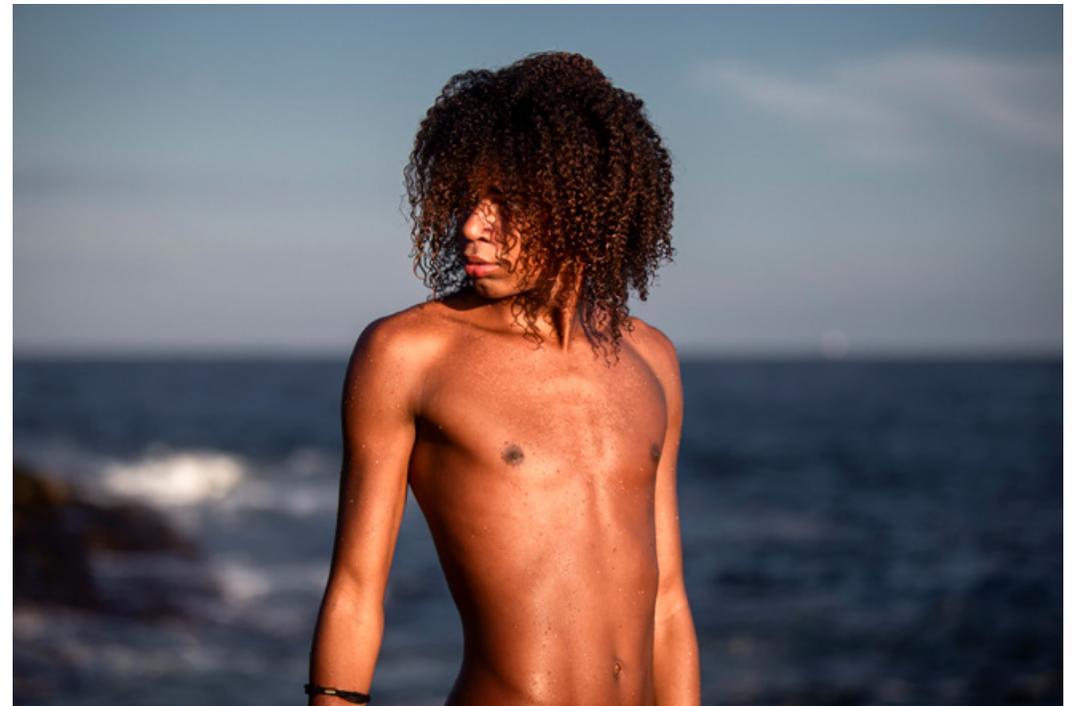
CAUDA DA SÉRIE PELES, 2021. LÁTEX.

SÉRIE ILHAS (REVÉRBERO, ILHA DAS IDEIAS, ILHA DAS PRÁTICAS, ILHA DA AUTO CONTEMPLAÇÃO, ILHA DAS SOMBRAS), 2020. VÍDEOS.











VINHADINHO é uma espécie que existe independente da autorização de existir. Apresenta-se como espécie pitoresca, mamífero, a espécie da fotografia está localizada em Santíssimo, zona Oeste do Rio de Janeiro.

É um animal de grande porte, chega a uma altura de 1,2 até 2,4 metros. Este, especificamente, mede 1,90 de altura. Além disso, o peso varia dependendo da região e do estilo da dieta, porém, os vinhadinhos másculos podem ter mais massa corporal.

Possui uma perna longa para fugir de emboscadas que uma sociedade opressora cria, olhos grandes e bem abertos de para detectar preconceituosos a mil metros de distância, possui alta elasticidade para desviar de piadinhas mortais e, às vezes, unhas afiadas para se defender de predadores.

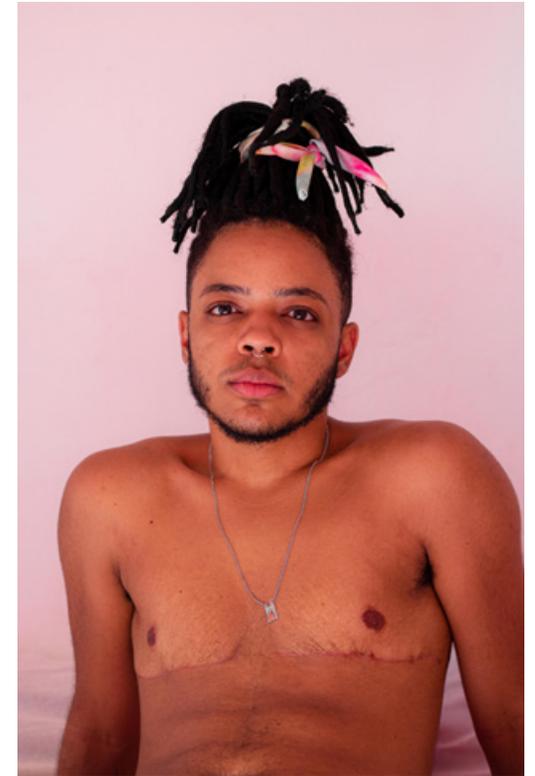
Andando pelas ruas é possível encontrar vinhadinho desfilando nas avenidas, existindo e resistindo nas favelas e no mundo.





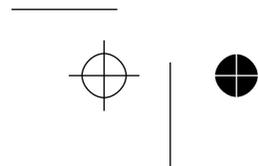




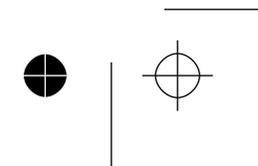
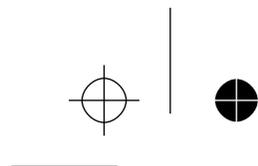


SOU TODA OUVIDOS

Escuto gratuitamente o fundo do rio, por telefone. [48-984334419](tel:48-984334419)

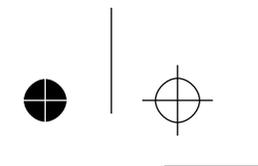


SOU TODA OUVIDOS



RAQUEL STOLF (SC)

Escuto gratuitamente silêncios impossíveis, ex-possíveis e impossíveis, por telefone e/ou mensagem. [48-984334419](tel:48-984334419)







1. CORPO

MAS POR QUE VOCÊ ENTROU LÁ?

ME PEDIU CARONA ATÉ SUA CASA E ME OFERECEU UM BEM-VINDO CAFÉ. AMIGO DE AMIGO, PENSEI, E ENTREI NA CASA BRANCA. O CARPETE ERA VERDE E OS MOVEIS PESADOS, ANTIGOS, LIGEIRAMENTE BORRADOS NA PENUMBRA DA SALA. UM CHEIRO PESADO DE AR CONFINADO. CASA DE MÃE. NÃO, CASA DE AVÓ. A CABEÇA GIRAVA DO ALCOOL, UM POUCO DESORIENTADA. TALVEZ MUITO. ELE SE APROXIMOU, XÍCARA NA MÃO.

MAS POR QUE VOCÊ ENTROU LÁ?

NÃO ME DEI CONTA DE COMO FUI PARAR NO CHÃO, DE BRUÇOS, ENTRE A MESA DE CENTRO E O SOFÁ DE VELUDO ENCARDIDO. O CARPETE VERDE SE ESTENDIA NA FRENTE DOS MEUS OLHOS, ESPESSE. MEUS BRAÇOS INÚTEIS FICARAM PRESOS NO ESPAÇO APERTADO ENTRE AS PEÇAS DA MOBÍLIA. O ROSTO IMPRENSADO NO CHÃO, O PESO IMENSO SOBRE MIM. O VELUDO BEGE DO SOFÁ E O CHEIRO DE MOFO. ONDE ESTAVA A XÍCARA? O MEDO ME INVADIU. DEPOIS O HORROR. OS PÉS GROSSOS DA MESA DE CENTRO AO MEU LADO. O GRITO QUE NÃO SAIU. O QUE ACONTECEU COM A XÍCARA DE CAFÉ? A VERTIGEM, O VERDE EMBAÇADO E ÚMIDO DO CARPETE. A QUENTURA DAS LAGRIMAS ENCHARCOU MEU ROSTO ATURDIDO. A DOR E O NOJO SE EMBARALHARAM COM A IMENSA VERGONHA. A CULPA.

MAS POR QUE VOCÊ ENTROU LÁ?



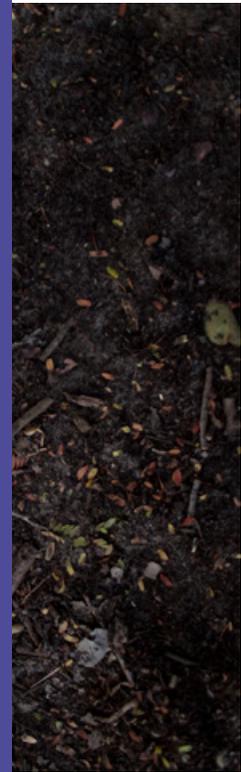




UMA MULHER NEGRA FELIZ
É UM ATO REVOLUCIONÁRIO



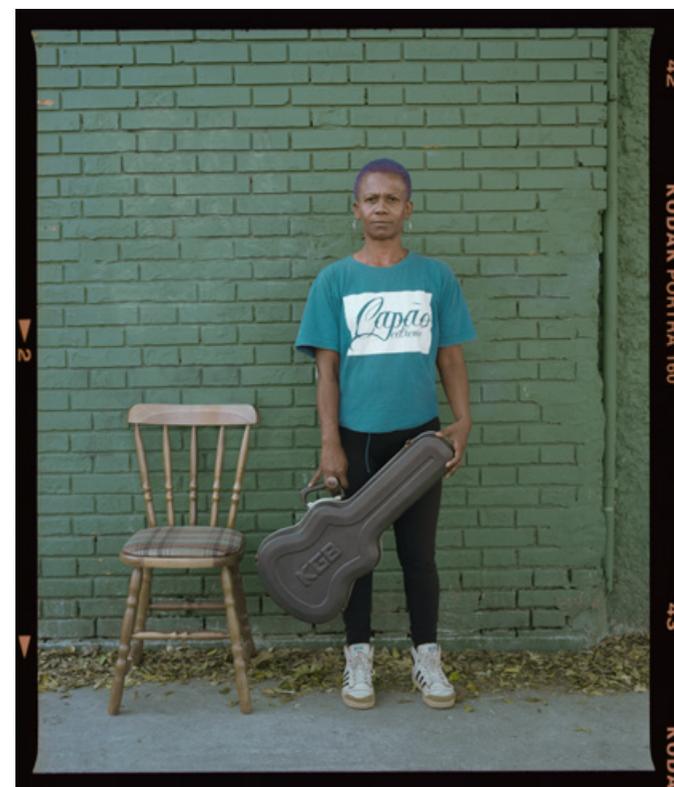
NÃO ESTUPRARÁS





MANDACARU, AQUI É, UM BAIRRO, 2022. FOTOGRAFIA.













TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA

13º DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA

TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA é uma frase escrita pela artista Matheusa Passareli (1997-2018) em 2018. À época aluna do curso de Artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Matheusa relata em “trabalho de vida” seu deslocamento pela cidade como “corpo estranho”, pessoa negra, não binária, para poder cursar uma universidade pública em uma região central distante de onde cresceu. Muitos deslocamentos, muitas trajetórias.

A pesquisa apresentada nos dois espaços que comportam essa exposição, Casa das Onze Janelas e Galeria Fidanza, gira em torno do corpo como um território pessoal, de experiências íntimas e únicas, ao mesmo tempo combinado, por estar alinhado ou confrontado, com a experiência social e política. Um sopro no tempo, quiçá uma atualização para a proposição de Carol Hanisch a nos dizer que o pessoal segue sendo político.

Estamos atentas/es/os a corpos, corpas, no plural da palavra, no plural das experiências vividas e sentidas. Corpos que são forças distintas, você, eu, elas, eles, elus, nós. Corpos que se encontram, se atravessam, se dispersam. Corpos que saem e voltam para casa, quando há casa; pegam ônibus para o trabalho, quando há trabalho ou ônibus; esperam na fila do cuidado, quando há cuidado; aguardam o respeito, quando há rede de apoio ou políticas públicas voltadas para todas, todes e todos. Corpos que não param de perceber, de sentir, de assimilar a vida que constroem na vizinhança ou na distância de outros corpos. Face a face, ombro a ombro, lado a lado.

Por meio dessa convivência corpos nunca cessam de se mover, para fora e para dentro. Corpos produzem também uma diferença de si fazendo conviver numa mesma existência quem nasce recebendo

a atribuição de um gênero e percebe-se em outro, ou em nenhuma categoria binária; aqueles que se formam em algo e trabalham em outro algo; a criança e o adulto em diferentes fases; outros que vieram do sul mas vivem no norte, ou do centro para o periférico; quem se sente parte até que a ignorância, o preconceito, a misoginia, o racismo reiteradamente ditos façam nascer uma cisão, uma quebra, um abismo no dentro e no fora de muitos corpos.

Vivenciamos juntas/es/os a essas/es artistas/es experiências ligadas à ancestralidade, à memória, à distintas representações familiares, ao pertencimento, às diversas identidades, à construção de redes de afetos, à resignificação de imagens históricas, aos movimentos da/na terra, à performatividade, aos apagamentos históricos, às discriminações e às insubordinações de corpos indígenas, negros, mulheres e LGBTQIAPN+. Esperamos sinceramente que você seja tocada/e/o por algo dessa constelação de corpos que apresentamos.

Solicitamos o corpo presente, é bom dizer, o corpo que atua e que no hoje reflete seus atos. Aqui convocamos ações artísticas que operam armaduras, cortes, combates, plataformas políticas, montagens, construções de narrativas, ironias, deboches, escutas, leituras, reescritas de mandamentos, denúncias, afirmações e celebrações, claro, porque a alegria é revolucionária. O que quer dizer ação quando chamamos o corpo? Quais são as suas lutas estéticas-sociais-pessoais-políticas? Onde se localizam seus espaços de acontecimento? Todo corpo em deslocamento tem trajetória. Qual é a sua?

LÍVIA AQUINO

CURADORA CONVIDADA



JACQUES HUBER + MARINA FELDHUES 126 - 127 JACQUES HUBER + ANA PAULA ALBÉ 128 - 131 JACQUES HUBER + FELIPERUSSO 132 - 139
JACQUES HUBER + JANAINA MIRANDA + RENATA AGUIAR 140 - 145 JACQUES HUBER + LUCIANA MAGNO 146 - 153 JACQUES HUBER
+ MARINA FELDHUES 154 - 157 PÉRICLES MENDES + RENATA AGUIAR 158 - 163 JACQUES HUBER + JANDUARI SIMÕES 164 - 171

IN NATURA / IN VITRO

CURADORIA: MARIANO KLAUTAU FILHO E NELSON SANJAD

MUSEU DA UFPA - BELÉM, PA, BRASIL

DE 27 DE ABRIL A 23 DE JUNHO DE 2024



FORÊT HUMIDE PRÈS PARÁ (JUPATITUBA) / FLORESTA ÚMIDA PRÓXIMA AO PARÁ [BELÉM] (JUPATITUBA). FOTÓGRAFO NÃO IDENTIFICADO, CA. 1900. STAATSARCHIV DES KANTONS BASEL-STADT, BASILEIA, SUÍÇA. FOTOGRAFIA EM PAPEL, REPRODUÇÃO AUTORIZADA.

AS MATAS DE JUPATITUBA LOCALIZAVAM-SE NA EXTENSA ÁREA ATUALMENTE OCUPADA PELOS BAIROS DE CANUDOS, TERRA FIRME E GUAMÁ, EM BELÉM.



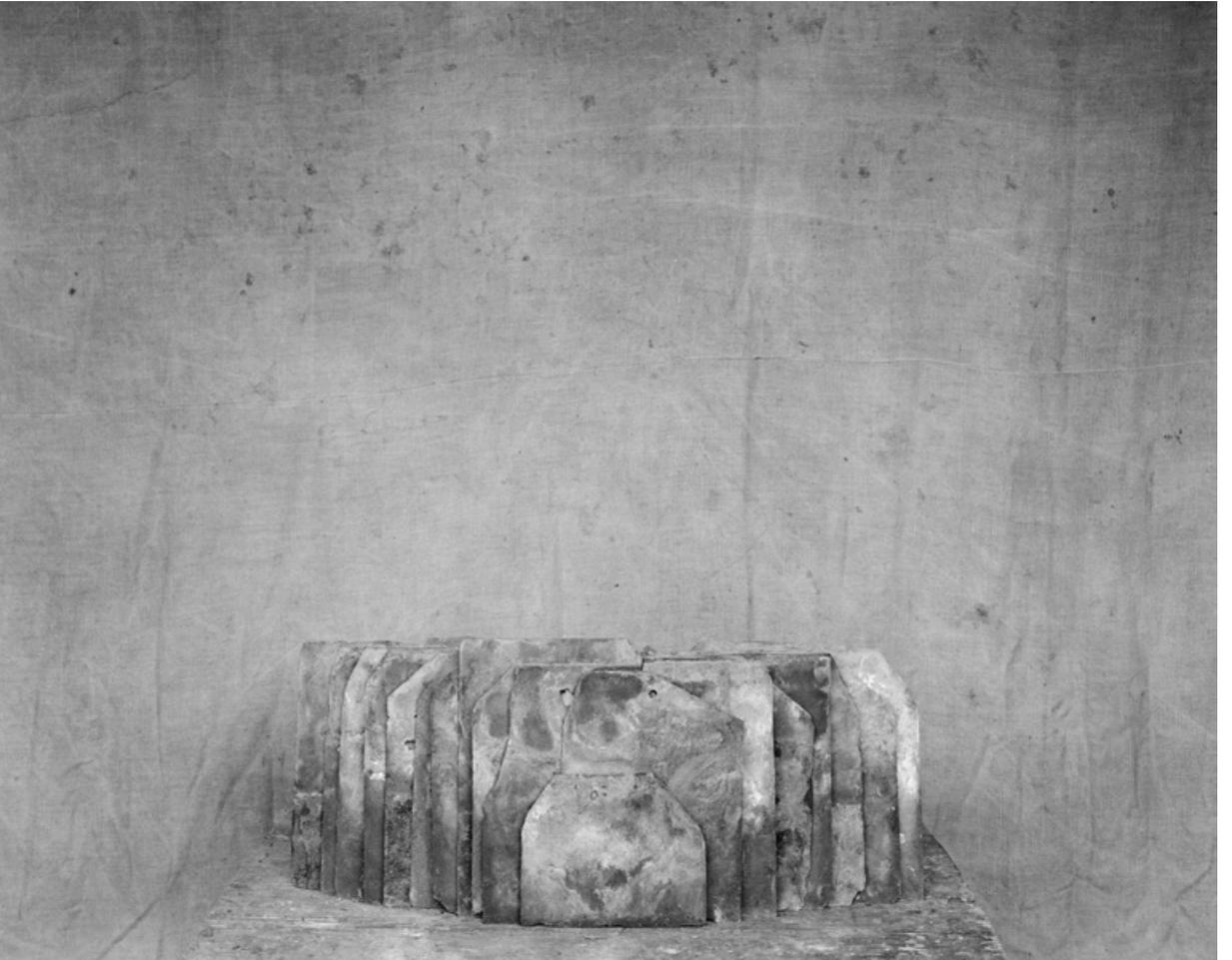
SAMAUMEIRA NO PARQUE ZOOBOTÂNICO DO MUSEU GOELDI. JACQUES HUBER, ENTRE 1900 E 1910. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVOS DE VIDRO MPEG246, MPEG245, MPEG244, MPEG250, MPEG254, MPEG257, MPEG249. REPRODUÇÃO AUTORIZADA.



A SAMAUMEIRA AINDA VIVE NO PARQUE ZOOBOTÂNICO, EM FRENTE AO AQUÁRIO JACQUES HUBER. SUA IDADE É ESTIMADA EM MAIS DE 130 ANOS.













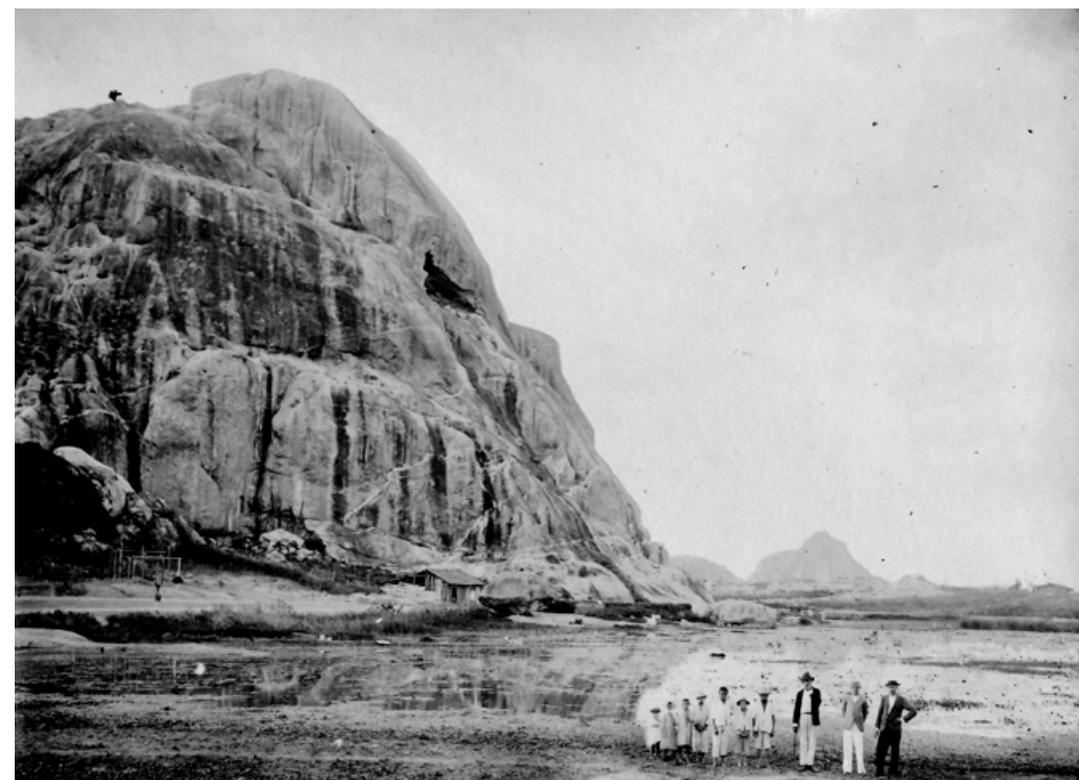


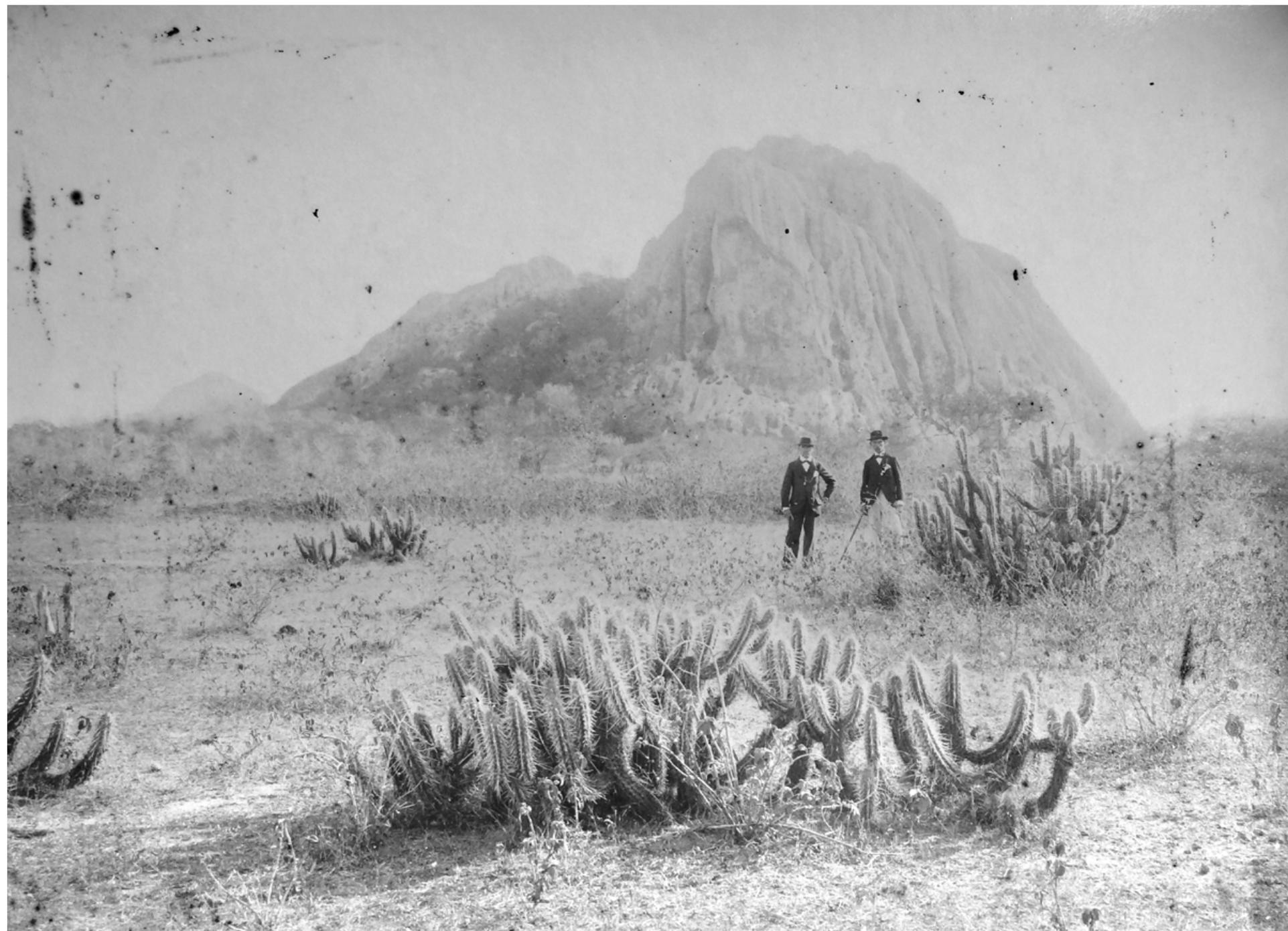


AS YKAMIABAS E O NASCIMENTO DO MUYRAKITĀ, 2019.

REGRESSA, 2020. FOTO PERFORMANCE.



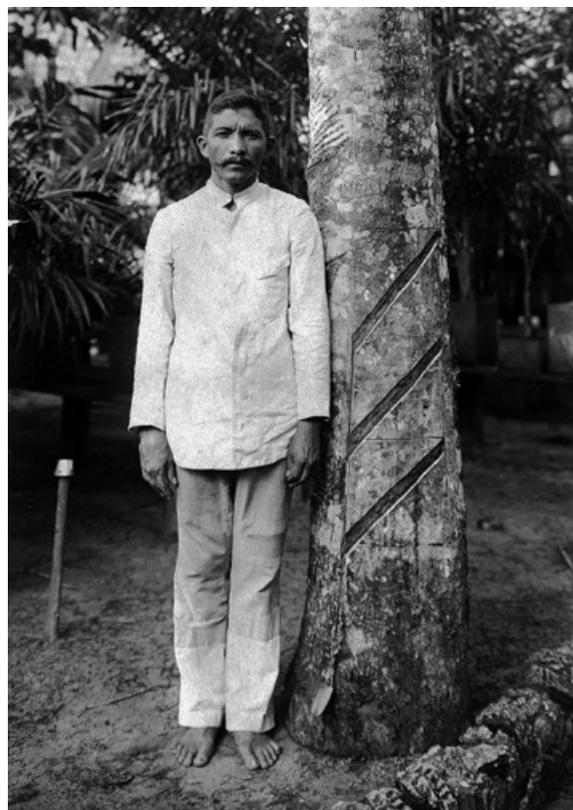




ROCHEDO EM QUIXADÁ, CEARÁ. JACQUES HUBER, 1897. STAATSARCHIV DES KANTONS BASEL-STADT, BASELIA, SUÍÇA. FOTOGRAFIA EM PAPEL, REPRODUÇÃO AUTORIZADA.





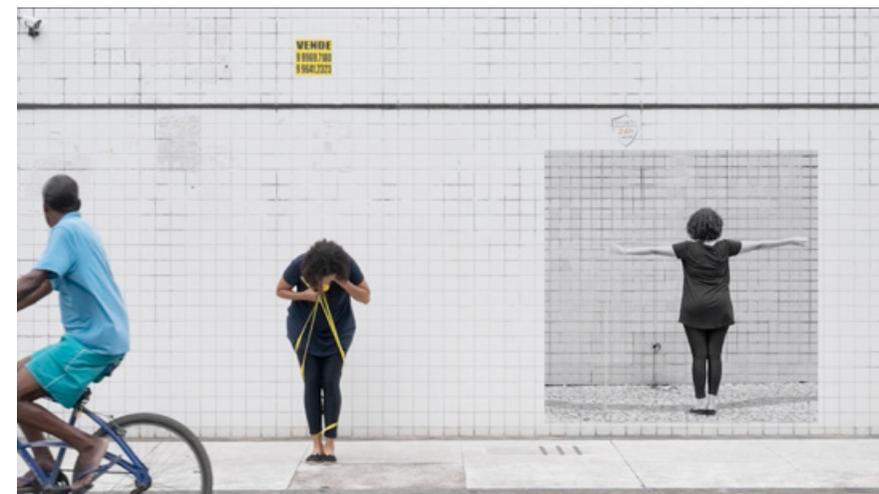
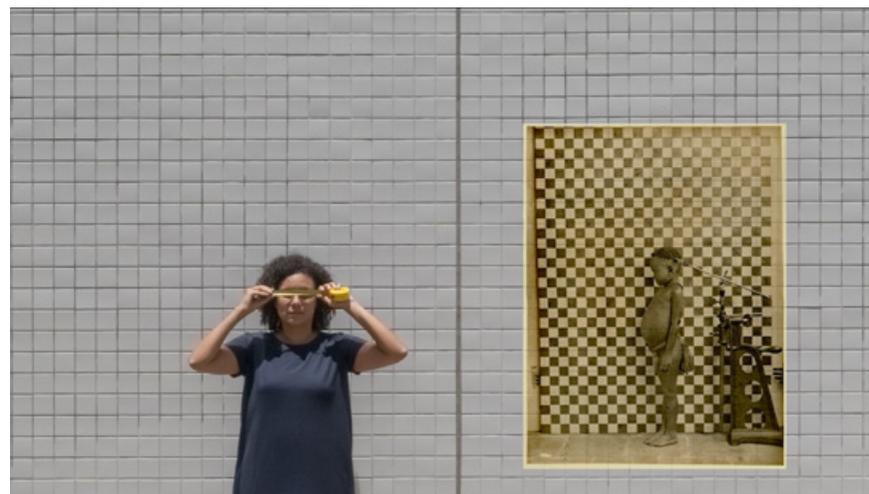
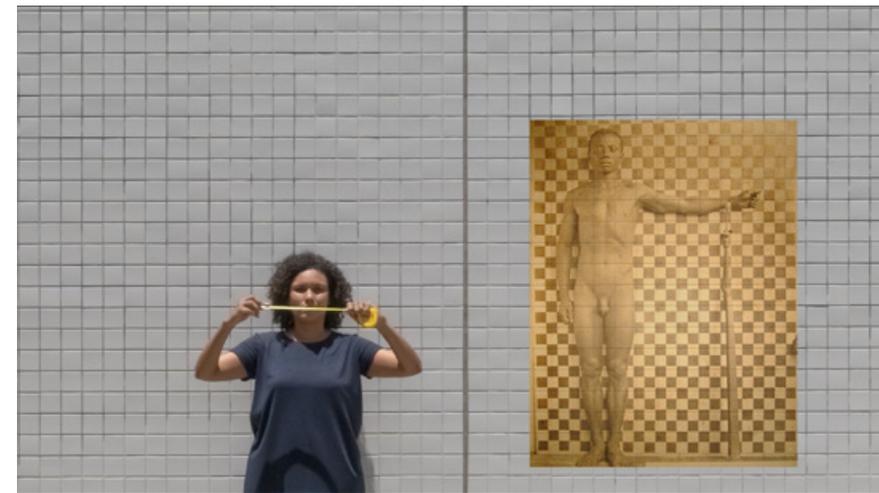
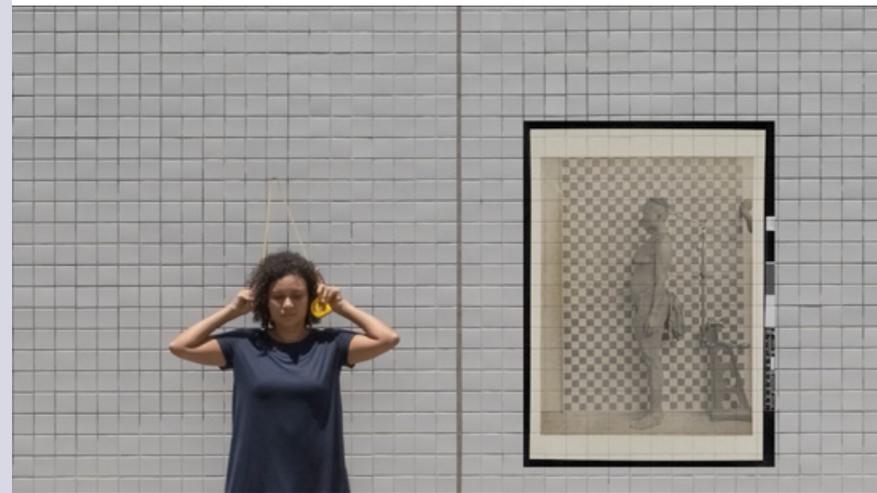
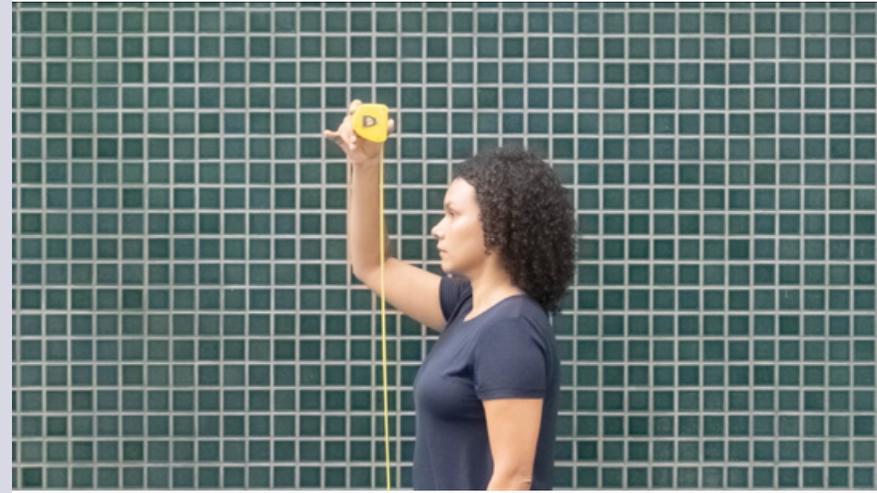


FUNCIONÁRIO DO MUSEU GOELDI JUNTO A UMA SERINGUEIRA SANGRADA, PARQUE ZOEBOTÂNICO. JACQUES HUBER, CA. 1912. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. FOTOGRAFIA EM PAPEL, REPRODUÇÃO AUTORIZADA.

MENINO JUNTO A UMA ÁRVORE DE COPAÍBA, MUNICÍPIO DE PEIXE-BOI, PARÁ. JACQUES HUBER, NOVEMBRO DE 1907. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVO DE VIDRO MPEG942, REPRODUÇÃO AUTORIZADA.

FUNCIONÁRIO DO MUSEU GOELDI JUNTO A CIPÓS SECANDO SOB O SOL, PARQUE ZOEBOTÂNICO. JACQUES HUBER, SEM DATA. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVO DE VIDRO MPEG754. REPRODUÇÃO AUTORIZADA.

HOMEM NÃO IDENTIFICADO JUNTO A UMA SERINGUEIRA SANGRANDO, PORTANDO UM FACÃO. JACQUES HUBER, SEM DATA. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVO DE VIDRO MPEG1035. REPRODUÇÃO AUTORIZADA.

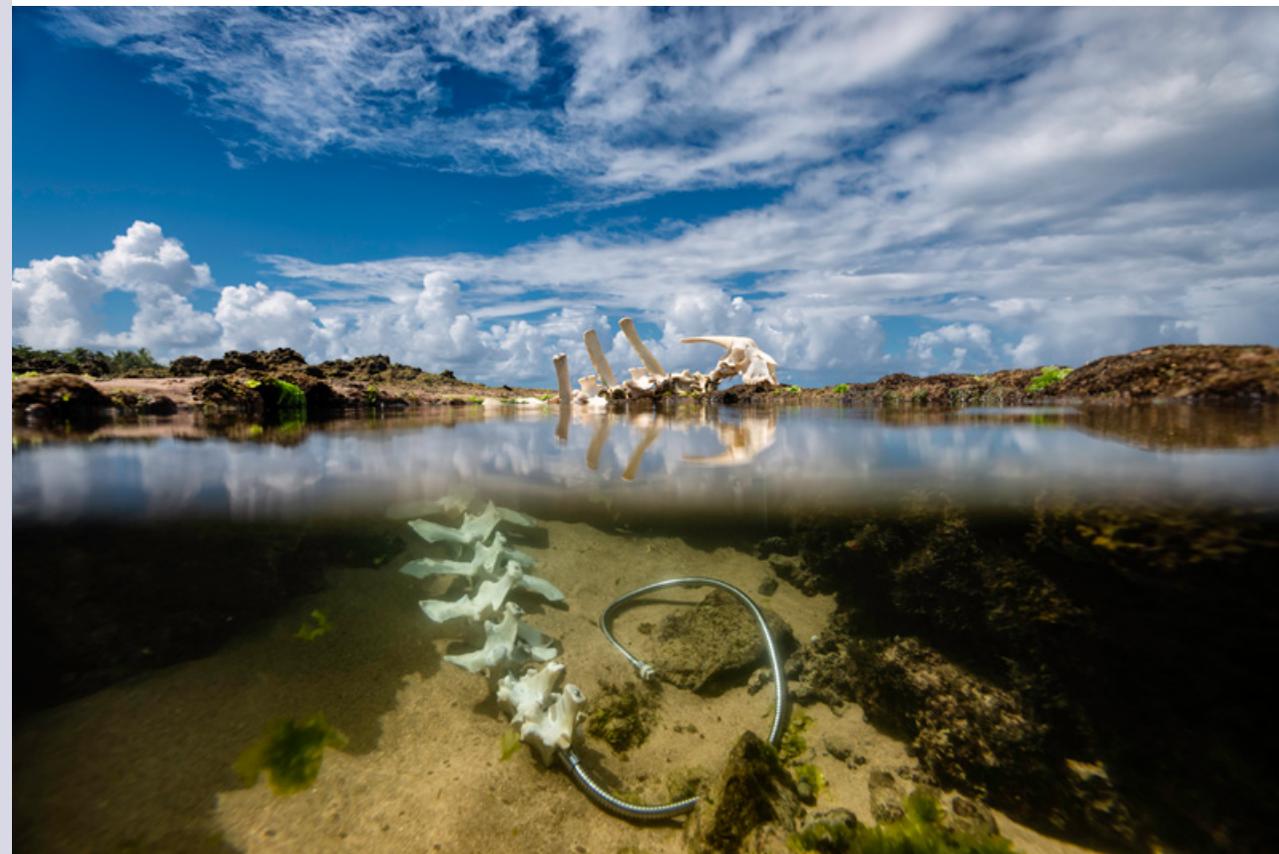




PROTÓTIPOS VIII, DA SÉRIE EPIFANIAS, SOBRADINHO, 2017.



PROTÓTIPOS, DA SÉRIE EPIFANIAS, DUNAS DE CASA NOVA, 2017.



SERPENTE XI, DA SÉRIE EPIFANIAS, PRAIA DE ITAPUÃ, 2018.



SERPENTE VI, SÉRIE EPIFANIAS, PRAIA DE ITAPUÃ, 2018





FLOR DE CALATHEA SP. JACQUES HUBER, DEZEMBRO DE 1904. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVO DE VIDRO MPEG886. REPRODUÇÃO DE OCTÁVIO CARDOSO.

A PLANTA FOI COLETADA POR JACQUES HUBER NO RIO PURUS, AMAZONAS, EM 1904.



FLOR DA ORQUÍDEA ACACALLIS SP. JACQUES HUBER, SEM DATA. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVO DE VIDRO MPEG1053. REPRODUÇÃO AUTORIZADA.

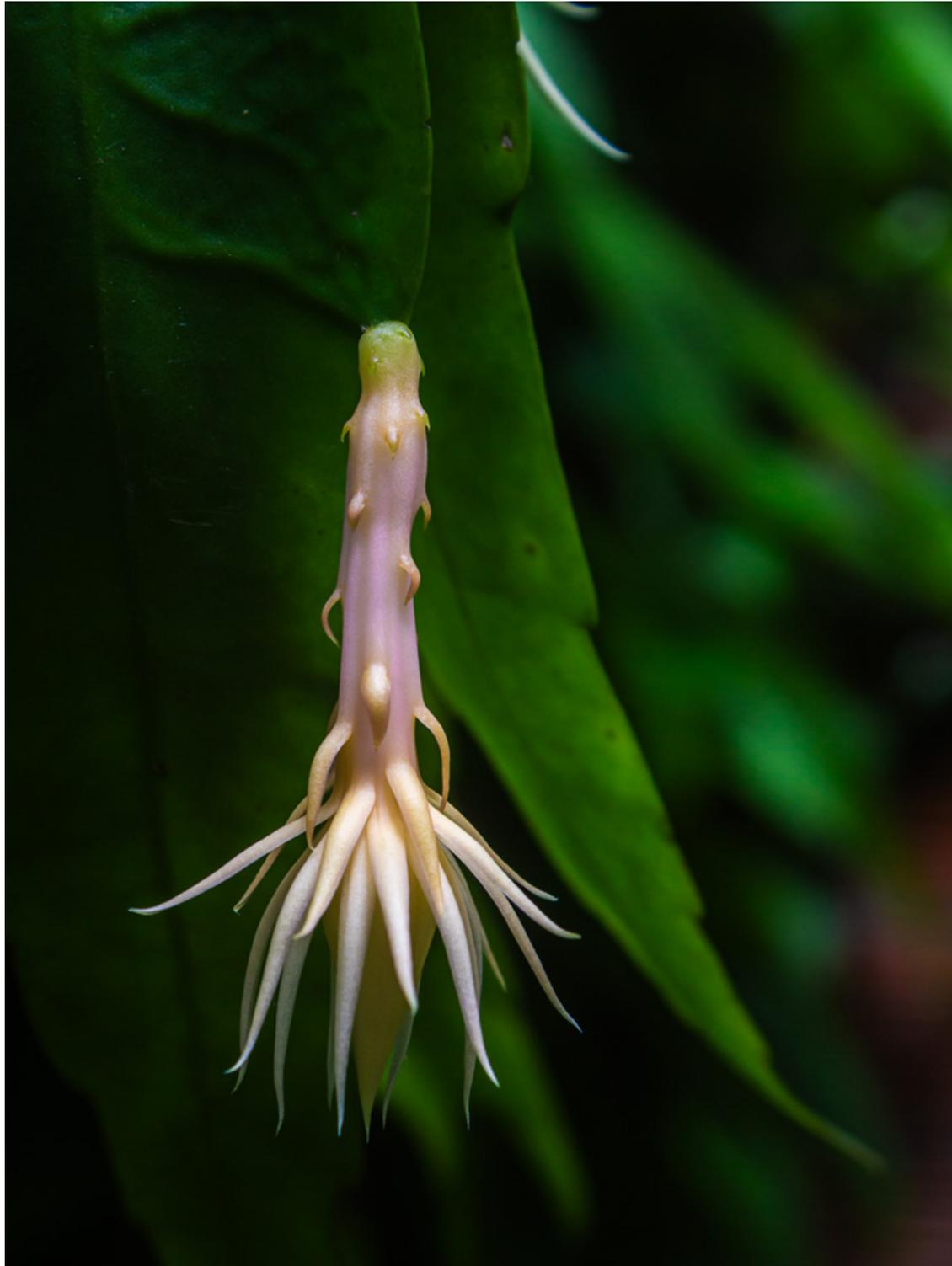


FUNGO DA ESPÉCIE *PHALLUS INDUSIATUS* VENT. JACQUES HUBER, 20 DE JANEIRO DE 1904. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVO DE VIDRO MPEG822. REPRODUÇÃO DE OCTÁVIO CARDOSO.

FLOR DE *SOLANDRA PARAENSIS* DUCKE. JACQUES HUBER, SEM DATA. MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. NEGATIVOS DE VIDRO MPEG887 E MPEG924. REPRODUÇÃO AUTORIZADA.



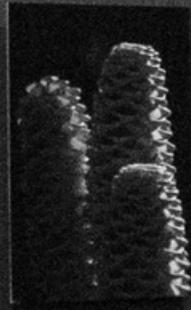
A PLANTA FOI COLETADA POR JACQUES HUBER NO MUNICÍPIO DE PEIXE-BOI, PARÁ, NA ESTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO BELÉM-BRAGANÇA, EM JUNHO DE 1909. A ESPÉCIE FOI DESCRITA POR ADOLF DUCKE SOMENTE EM 1915. TRATA-SE DE UMA DAS PRIMEIRAS INICIATIVAS DE DESCRIÇÃO TAXONÔMICA COM O USO DE FOTOGRAFIA.



SERIE ÉDEN REDESCOBERTO, 2023/2024. FOTOGRAFIA.







Small informational text labels on the wall to the left of the double doors.



Small informational text labels on the wall to the right of the double doors.



IN NATURA / IN VITRO

Esta exposição tem como eixo central o trabalho fotográfico do suíço Jacques Huber (1867-1914), botânico que atuou no Museu Emílio Goeldi de 1895 até o final de sua vida. Em diálogo com o universo vegetal de Huber, participam da mostra os artistas contemporâneos Ana Paula Albé, Felipe Russo, Janaina Miranda, Janduari Simões, Luciana Magno, Marina Feldhues, Péricles Mendes e Renata Aguiar com trabalhos em fotografia, vídeo, performance e objeto que tensionam tanto as relações entre arte e ciência, quanto as dinâmicas entre corpo e natureza. Seja no âmbito específico da investigação científica ou no campo da criação artística, tais relações interessam por variadas intersecções instauradoras de processos sígnicos que desdobram-se para além dos limites de suas áreas específicas.

Bem conhecido entre os cientistas que estudam a floresta amazônica, a obra fotográfica de Huber, entretanto, só recentemente começou a ser (re)descoberta. Ela se caracteriza pelo registro de paisagens e plantas, em contextos naturais, urbanos e rurais, assim como no jardim botânico que ele administrava. Huber utiliza habilmente o enquadramento e a composição para dar monumentalidade à vegetação e aos elementos naturais que registra. Sabe usar com precisão lentes e negativos de vidro – e traz da pintura clássica recursos que conferem dramaticidade às imagens, como a perspectiva, o ponto de fuga, o multiplano e o repoussoir, que amplia a ilusão de profundidade ao mesmo tempo em que direciona o olhar do espectador.

Estes elementos que caracterizam suas imagens colocam Huber em um trânsito significativo entre o documento e a arte, aspecto tão caro ao universo da fotografia. A observação atenta à paisagem é parte constitutiva do seu ofício de cientista, mas ressurgem potencialmente de uma experiência reflexiva sobre o meio ambiente. Algumas de suas fotografias, além de resultarem das práticas protocolares de representação das escalas, transbordam em sugestões em que o humano se apresenta imiscuído à natureza. Esse fator observado em Huber, no qual o corpo encontra-se simultaneamente separado e em conexão com o meio, nos deu a chave para o diálogo de sua obra com artistas contemporâneos interessados nas questões da paisagem e no deslocamento constante entre a natureza e o artifício. É justamente nesse

contexto, que ressaltamos as relações entre arte e ciência, a partir das analogias encontradas na ação do artista e do cientista na observação, extração, apropriação da matéria natural para suas investigações, construções narrativas e reapresentações de seus lugares dentro da experiência da paisagem.

As experiências de luz sobre a fisionomia no trabalho Ana Paula Albé encontram um rebatimento impressionante na sequência da samaumeira fotografada por Huber em diversos momentos do dia. Suas escalas representadas pelas imagens dos troncos das árvores e dos personagens que posam ao lado delas enfrentam a crítica audaz de Marina Feldhues. A densidade com que Huber capta a paisagem por meio dos seus diversos planos, encontra eco na dimensão performativa das obras de Luciana Magno, Renata Aguiar e Péricles Mendes. A presença da figura humana, às vezes parecendo casual na vastidão dos espaços, instaura um componente narrativo que se conecta aos gestos dos artistas em face da natureza. O cuidado, o apuro, a técnica e sobretudo a integração à experiência natural, por fim, possuem uma identidade especial com a delicadeza das plantas do quintal de Janduari Simões e a forma como Felipe Russo organiza sua percepção sobre a paisagem.

A atual exposição é a maior já realizada com fotografias de Huber. São 70 imagens reproduzidas em papel, em estampas fototípicas e digitalmente, além de amostras dos diários de viagem de Huber, aqui apresentadas não tanto pelo seu conteúdo científico, mas como peças gráficas que mesclam o verbo e o traço. Esse material está atualmente preservado no Museu Goeldi, em Belém, e no Staatsarchiv des Kantons Basel-Stadt, na Suíça, aos quais agradecemos por autorizarem a reprodução.

Seja na densa escuridão de uma floresta ou na clara amplidão de praias e campos, seja em uma rua de Belém ou em uma aldeia indígena, a diversidade de ambientes e de formas de vida é representada por Huber com o auxílio da luz, criando imagens que ainda hoje nos surpreendem pela qualidade técnica e estética. É neste trânsito que localizamos a obra de Huber, possuidora de uma dinâmica que a faz deslocar-se para o tempo presente das experiências visuais contemporâneas.

MARIANO KLAUTAU FILHO
NELSON SANJAD
CURADORIA

**HORIZONTE
SILENCIOSO**



..:GRÃO (GABRIELA SÁ E ÍCARO MORENO RAMOS) 180-181 GIOVANNA CONSENTINI 182-183 JANAÍNA MIRANDA 184-185

JESSICA LEMOS 186-189 MARCÍLIO CALDAS COSTA 190-193

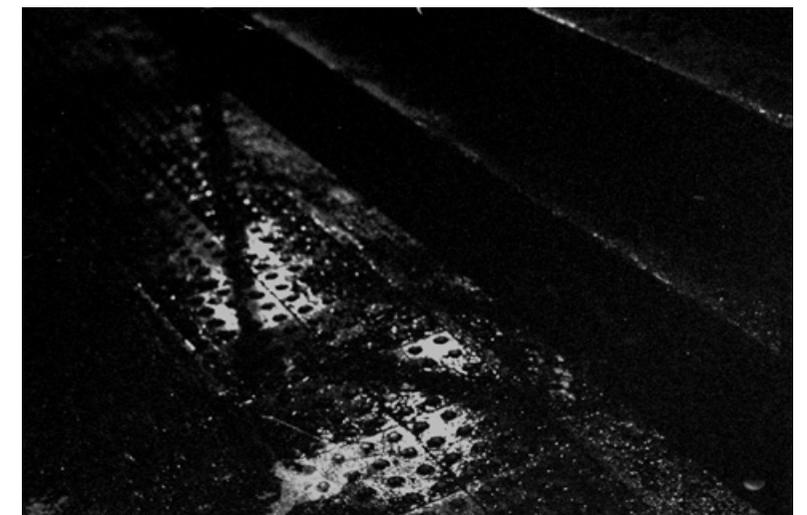
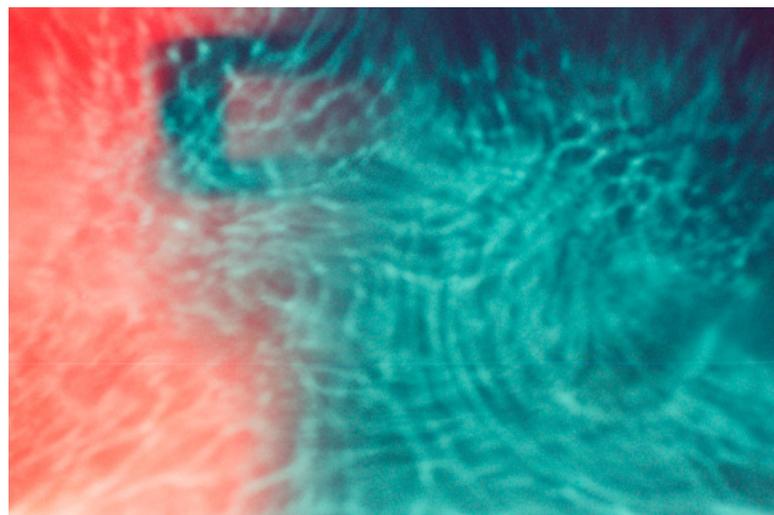
À ESCUTA - EXPOSIÇÃO DA RESIDÊNCIA FAROL

CURADORIA: LÍVIA AQUINO

ASSOCIAÇÃO FOTOATIVA - BELÉM, PA, BRASIL

DE 20 DE ABRIL A 23 DE JUNHO DE 2024





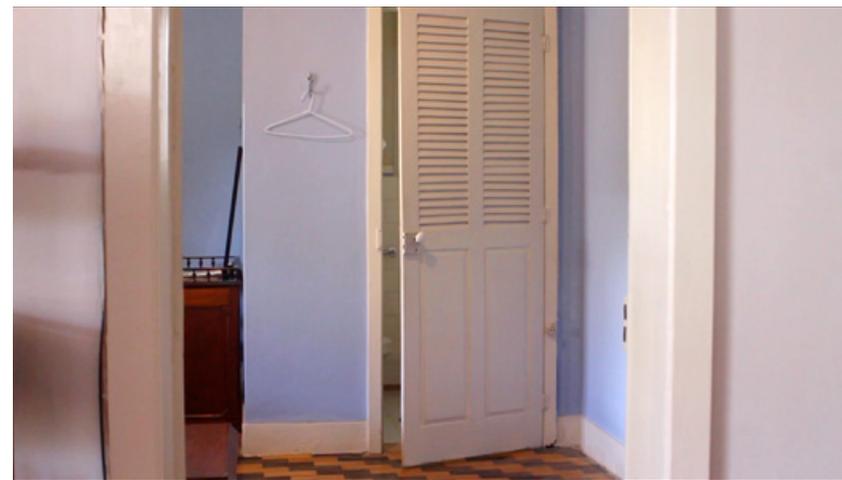












À ESCUTA

Há dois anos e meio experimentamos no período de um mês uma convivência artística na Ilha do Mosqueiro, próximo a Belém- PA. A Residência Farol estava prevista para acontecer quando a pandemia paralisou todas as atividades e tivemos que guardar nosso desejo de estarmos juntos por quase dois anos.

Entre lançarmos o projeto e esse momento atual da exposição, o tempo correu no antes e no depois e, de algum modo, podemos dizer que no meio disso tudo nos encontramos no Mosqueiro. À escuta é resultado dessa sobreposição de tempos, projetos foram lançados e vivenciados, mantiveram-se na latência dos acontecimentos e hoje estão nesse estado de presença que mostramos ao público.

Giovanna Consentini, Grão (Ícaro Moreno e Gabriela Sã), Janaína Miranda, Jessica Lemos e Marcílio Costa, artistas residentes, apresentam trabalhos que atravessaram os espaços geográficos de suas vidas, retornando a Belém em um movimento de reencontro e de anseios de partilha traduzidos nas oficinas oferecidas no período da exposição na Fotoativa.

Temos cá nesse espaço um inventário botânico atravessado pelo imaginário e pelo cotidiano, palavras e imagens constituídas por meio de uma troca de sonhos, a construção de um farol como um modo de iluminar nossas próprias relações, reencontros e ressignificações da imagética histórica de mulheres negras, a inserção da poética de uma autora local em objetos de informação e comunicação.

Estar à escuta pode dizer sobre uma observação do outro, mas também de si, pode ser um lembrete ou uma notação das palavras, imagens e experiências que saltam diante de nós e nos atravessam. Estar à escuta pode ser um modo de estar atento àquilo que se move entre o dentro e o fora, que ressoa como um som do mundo em nossos ouvidos. Convidamos você a estar nesse entre conosco, à escuta.

LÍVIA AQUINO

CURADORA CONVIDADA



13º DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA / 2024

TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA

CURADOR E COORDENADOR GERAL	MARIANO KLAUTAU FILHO
PRODUTORA EXECUTIVA	LANA MACHADO
ASSISTENTE DE CURADORIA E PRODUTORA	IRENE ALMEIDA
PRODUTOR	FELIPE MENDONÇA
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO	DEBB CABRAL
DESIGNER GRÁFICA	MELISSA BARBERY
TÉCNICO EM MÍDIAS	MICHEL SILVA
COORDENAÇÃO EDUCATIVA	CAIO PAIXÃO E LANA RAÍSSA MACIEL
ILUMINAÇÃO	PATRÍCIA GONDIM
MONTAGEM	ARTE RP

MEDIADORES JUANA BORGES. NATÁLIA NAOMI. VICTORIA SILVA. ELBER ARTHUR MENEZES. (MUSEU DA UFGA) MOISÉS ARAÚJO. JULIA MODESTO. (ASSOCIAÇÃO FOTOATIVA) MANOEL NAZARÉ. LUCAS SEREJO. MEDERÍÁ BRANDÃO. AGATHA DINELLI. ARTH. ANA MARIA SILVA. JESSICA CASTRO. JAMBU FREITAS. KATTARI DIAS. (CASA DAS ONZE JANELAS) JOMARA SANTOS. MARCELA NASCIMENTO.

CATÁLOGO

ORGANIZAÇÃO	MARIANO KLAUTAU FILHO
TEXTOS	LÍVIA AQUINO, MARIANO KLAUTAU FILHO E NELSON SANJAD
PROJETO GRÁFICO	JOSÉ VIANA
ISBN	978-65-01-24171-5
FAMÍLIA TIPOGRÁFICA	KOMET, MACHOMODULAR, P22 MACKINAC PRO, SOCORRO
CAPA	IMAGENS DA SÉRIE NÓS: A DESORDEM DA CARNE, 2023. MARINA FELDHUES.
PASSAGENS 2-3	GENTE, MARCÍLIO CALDAS COSTA. CARIMBOS SOBRE PAREDE, 2024.
PASSAGENS 6-7	VOLTE LOGO MEU AMOR, NAZAS. FAIXAS, 2024.
PASSAGENS 122-123	REGISTROS DA EXPOSIÇÃO IN NATURA / IN VITRO.
PASSAGENS 176-177	HORIZONTE SILENCIOSO, MARCÍLIO CALDAS COSTA. INTERVENÇÃO, 2024.
PASSAGENS 198-199	REGISTROS DA EXPOSIÇÃO TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA.
FOTOGRAFIAS	IRENE ALMEIDA (2, 6, 42, 48, 82, 83, 96, 102, 118, 122, 180, 184, 185, 198) MARIANO KLAUTAU FILHO (22, 24, 26, 30, 44, 54, 56, 60, 68, 70, 80, 84, 90, 92, 94, 98, 126, 129, 130, 133, 172)

EXPOSIÇÕES

TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA

CURADORIA LOCAL	LÍVIA AQUINO ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE JANELAS E GALERIA FIDANZA – SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS E MEMÓRIAS. DE 26 DE ABRIL A 23 DE JUNHO DE 2024
ARTISTAS PRÊMIO	ALEX OLIVEIRA. CAROLINA KRIEGER. COLETIVO NOITE SUJA. KEILA SANKOFA. MARINA FELDHUES. ROGERIO VIEIRA.
SELEÇÃO	ANTONIA NAYANE. BRENO DE SANT’ANA. CYRO ALMEIDA E MESTRE JÚLIO SANTOS. FRANCISCO DE SOUZA. GABZ 404. IAN NOGUEIRA. S/NºW (SNOW). MASINA PINHEIRO E GAL CIPRESTE. NAZAS.
CONVITE	MATHEUSA E SABINE PASSARELI. LAURA ANDREATO. PALOMA DURANTE. MAY AGONTINME. MARÉ DE MATOS. MÔNICA VENTURA. VAL DE SOUZA. MANOELA CEZAR. SIMONE BARRETO. RAQUEL STOLF. FABIANA FALEIROS. GÊ VIANA. MARISE MAUÉS. ALLYSTER FAGUNDES. REGINA JOSÉ GALINDO. SUMÉ YINA. TADÁSKIA. ALINE MOTTA. ALEXANDRE SEQUEIRA. MARI QUEIROZ. WALDA MARQUES. MAURÍCIO POKEMON. GÊ VIANA. COLETIVO COLETORES.

IN NATURA / IN VITRO

CURADORIA LOCAL	MARIANO KLAUTAU FILHO E NELSON SANJAD MUSEU DA UFGA. DE 27 DE ABRIL A 23 DE JUNHO DE 2024
ARTISTAS	JACQUES HUBER + ANA PAULA ALBÉ. FELIPE RUSSO. JANAINA MIRANDA. JANDUARI SIMÕES. LUCIANA MAGNO. MARINA FELDHUES. PÉRICLES MENDES. RENATA AGUIAR. IMAGENS E DOCUMENTOS DE JACQUES HUBER: MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, ARQUIVO GUILHERME DE LA PENHA, BELÉM, BRASIL. REPRODUÇÃO AUTORIZADA.

À ESCUTA – EXPOSIÇÃO DA RESIDÊNCIA FAROL

CURADORIA LOCAL	LÍVIA AQUINO ASSOCIAÇÃO FOTOATIVA. DE 20 DE ABRIL A 23 DE JUNHO DE 2024
ARTISTAS	GIOVANNA CONSENTINI. GRÃO (ÍCARO MORENO E GABRIELA SÁ). JANAÍNA MIRANDA. JESSICA LEMOS. MARCÍLIO CALDAS COSTA.

ARBORETUM – LÂMINAS DE JACQUES HUBER

CURADORIA LOCAL	NELSON SANJAD CENTRO DE EXPOSIÇÕES EDUARDO GALVÃO – MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. DE 24 DE MAIO A 23 DE JUNHO DE 2024
-----------------	--

13º DIÁRIO CONTEMPORÂNEO DE FOTOGRAFIA / 2024

TODO CORPO EM DESLOCAMENTO TEM TRAJETÓRIA

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS E MEMORIAIS / SECULT-PA

DIRETOR – ARMANDO SAMPAIO SOBRAL

ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE JANELAS

DIRETORA – ALBACELHE BRAGA

MUSEU DE ARTE SACRA – GALERIA FIDANZA

DIRETOR – EMANUEL FRANCO

MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

DIRETORA – JUSSARA DERENJI

ASSOCIAÇÃO FOTOATIVA

PRESIDENTE – IRENE ALMEIDA

MUSEU EMÍLIO GOELDI

DIRETOR – NILSON GABAS JUNIOR



PATROCÍNIO



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



COLABORAÇÃO



APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO





2024

PRÊMIO
**DIÁRIO
CONTEMPORÂNEO
DE FOTOGRAFIA**

13ª EDIÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



COLABORAÇÃO



APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA

